

O CARIRI CEARENSE *

O QUADRO AGRÁRIO E A VIDA URBANA

HAIDINE DA SILVA BARROS

Quem deixa as superfícies aplainadas do alto sertão pernambucano e ganha a Chapada do Araripe, através da região de Exu, passa a percorrer uma área onde a planura do tópo da chapada oferece uma paisagem uniforme, insípida e de traços vagos. A própria vegetação natural pobre em sua fisionomia, dada a escassez de umidade da região, acentua a monotonia da paisagem, que raramente é interrompida com sinais de ocupação humana e de utilização da terra. Casas raramente aparecem. A presença do homem é sentida pela ocorrência de pequenas parcelas em cultivo distanciadas umas das outras; a própria atividade criatória só é registrada pela existência de barreiros, pois o sistema extensivo com que é feita a criação quase não retrata, na paisagem, a presença do gado. Essa fisionomia caracterizada por um mínimo de ocupação humana estende-se por todo o alto da Chapada do Araripe em direção norte até que, uma vez atingida a cornija desta elevação, avista-se uma paisagem verdejante, completamente oposta da que se tinha observado até então. O caráter higrófilo da vegetação ressalta, à primeira vista, a maior punjança da região. Trata-se de uma área densamente ocupada, onde o intenso aproveitamento da terra é traduzido pelo grande número de parcelas em cultivo e pela grande variedade de culturas aí encontradas. Não menos expressiva é a frequência com que se sucedem as habitações rurais atestando forte índice demográfico. Sente-se, perfeitamente, o contacto entre duas unidades fisiográficas e culturais diversas com características próprias que as tornam individualizadas e contrastantes.

Para quem vem do norte, muito embora sinta, também, uma mudança na paisagem, esta não é tão rápida, uma vez que nesta direção aparece uma faixa de transição que se apresenta ora mais extensa, ora mais estreita. Assim sendo, quem do sertão cearense caminha para a Chapada do Araripe, através do Salgado e alto Jaguaribe, após atravessar uma área de relevo ondulado, de formas topográficas suaves, com vales bem abertos e interflúvios aplanados, na qual predomina uma vegetação de caatinga com rarefeita ocupação humana, ocupação esta que só se adensa ao longo dos vales, penetra numa área onde essas

* O presente trabalho resulta de pesquisas de campo realizadas na região do Cariri Cearense, por ocasião de uma excursão aos estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, em fevereiro e março de 1962, sob a chefia do geógrafo NILO BERNARDES, quando diretor da Divisão de Geografia, e que teve como objetivo a coleta de dados para posterior estudo de geografia agrária daqueles estados.

Aos colegas SOLANGE TIETZMANN SILVA, ALUÍZIO CAPDEVILLE DUARTE e SALOMON TURNOWSKI, por sua cooperação nos trabalhos de campo, dedico, também, meus sinceros agradecimentos.

Ao geógrafo NILO BERNARDES expresso meu particular reconhecimento por toda a orientação e incentivo recebidos por ocasião da feitura do trabalho e, principalmente, na realização do mapa de Utilização da Terra. Estendo, ainda, meus agradecimentos à geógrafa LYSIA MARIA CAVALCANTI BERNARDES que como chefe da Secção Regional Nordeste, coube, também, parte na orientação deste estudo.

mesmas características se repetem, mas com mais densidade e onde a maior frequência de vales dá um aspecto de ocupação mais densa. Finalmente, após se atravessar esta faixa transitória chega-se à região de paisagem verdejante, cuja fisionomia geográfica geral foi acima descrita. Essa região intensamente ocupada, localizada no extremo sul do estado do Ceará, tem o nome de região do Cariri — “ilha agrícola” de grandes proporções dentro do sertão nordestino.

O papel saliente que possui a região do Cariri dentro do contexto cearense é atestado por sua própria densidade da população rural que, quando comparada com as das áreas sertanejas, expressa o forte índice de ocupação da região. Assim é que enquanto a densidade média da população rural da maioria dos distritos mais típicos da região do Cariri é superior a 40 hab/km², na zona fisiográfica do sertão do Salgado e alto Jaguaribe decresce para índices em torno de 20 hab/km², na zona do Araripe e sertão de sudoeste para menos de 10 hab/km². A diferença entre as duas primeiras é menos marcante, haja vista o caráter agrícola, embora não desenvolvido dos vales do Salgado e Jaguaribe. Por outro lado, deve-se ressaltar o fato de que alguns distritos do Cariri apresentam, também, densidades em torno de 20 hab/km² e mesmo inferiores a este índice, porque possuem os mesmos extensos trechos de área de chapa, onde a ocupação rarefeita mascara as maiores densidades dos trechos mais ocupados do sopé da Chapada do Araripe. Mesmo assim, sente-se um adensamento na região, o que demonstra maior aproveitamento agrícola do solo da região do Cariri.

Dentro de uma área de clima semi-árido do tipo *Bsh*, segundo a classificação de KÖPPEN, a região do Cariri vê-se beneficiada pelas chuvas de origem orográfica que se precipitam sobre a Chapada do Araripe. A posição da chapada interceptando os ventos alísios de nordeste, acarreta maior umidade, não se ressentindo a região com as secas que assolam o sertão nordestino. É a época do “inverno”, período vital para a população da região. O regime das chuvas é regido por duas nítidas estações: a estação chuvosa que compreende o semestre de verão, correspondendo ao que se comumente designa chuvas de “inverno” condicionantes das lavouras sertanejas, e a estação seca, na quadra de maio a novembro. O máximo das precipitações ocorre em março e o mínimo em agosto-setembro, como pode ser observado nos gráficos da fig. 1. Ainda tomando-se como base os gráficos de precipitação verifica-se que as áreas mais úmidas localizam-se na porção leste da região, recebendo o município do Crato o máximo das chuvas caídas.

A existência do Cariri deve-se, porém, à presença da Chapada do Araripe, traço marcante que dá a essa região sua originalidade. Essa chapada, um dos remanescentes do capeamento sedimentar que recobriu durante o cretáceo o sertão nordestino, dispõe-se, aproximadamente, no sentido leste-oeste, no limite entre os estados de Pernambuco e Ceará. De largura não uniforme em toda sua extensão a chapada apresenta-se mais estreita em alguns trechos, devido a um dissecamento mais intenso, especialmente em seu flanco leste. Com altitude média

que varia entre 700-900 metros, o tópo da chapada é nitidamente regular, condicionado pela estrutura subhorizontal das camadas areníticas e calcárias. Suas vertentes, ao contrário, assinalam uma ruptura de declive nítida e são constituídas por uma cornija de perfil ora acen-tuadamente vertical, ora menos pronunciado, e por uma encosta mais baixa, côncava, modelada no arenito, à qual se segue um plaino crista-lino suavemente ondulado, que apenas se torna mais movimentado nas proximidades da escarpa e do qual se distinguem elevações que podem ser denominadas, serras cristalinas.

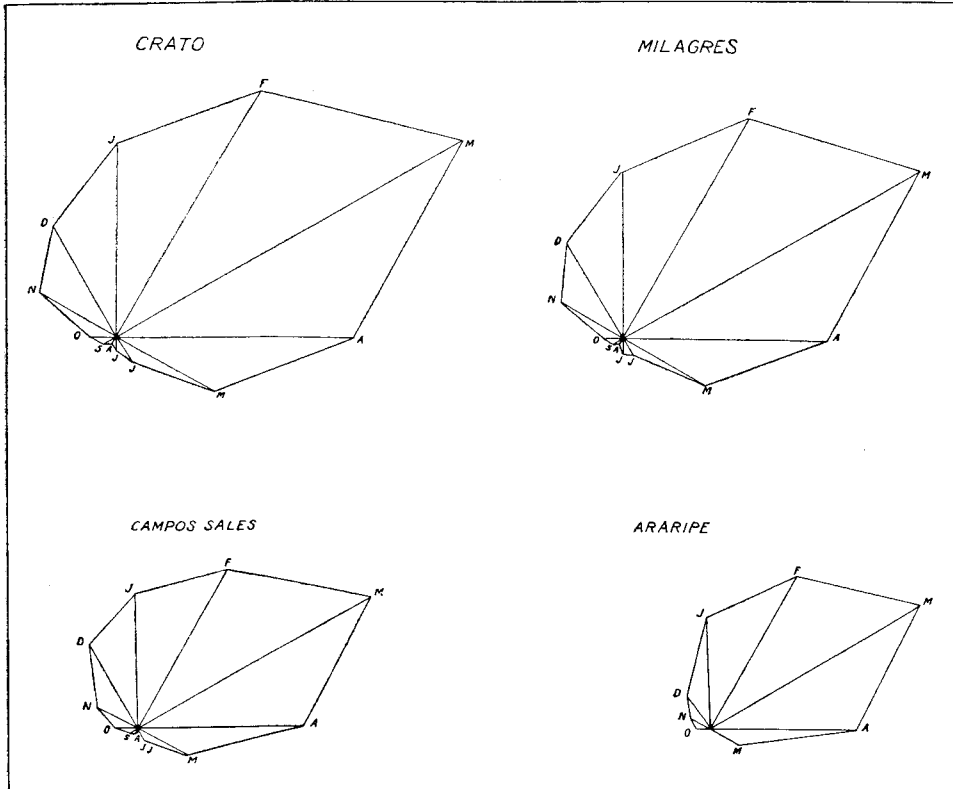


Fig. 1 — Gráficos da distribuição mensal das chuvas, segundo dados obtidos em quatro postos pluviométricos do sul do Ceará. Comparando-se os quatro gráficos, observa-se que as áreas mais úmidas da parte meridional desse estado, estão em sua porção leste, justamente na região do Cariri Cearense, enquanto para oeste as precipitações diminuem consideravelmente, haja vista os totais inferiores registrados pelos postos de Campos Sales e Araripe, situados fora da referida região.

A região apresenta, portanto, várias unidades topográficas que se dispõem, *grosso modo*, no sentido sul-norte: o *alto da chapada*, o *pé-de-serra* que corresponde à encosta mais baixa do Araripe, os *brejos* e as *serras cristalinas*. Cada uma destas unidades possui características próprias de quadro natural, que vão condicionar tipos particulares de ocupação humana. As águas pluviais que se infiltram nas rochas sedi-mentares da chapada ressurgem à meia encosta ocasionando a exis-tência dos chamados olhos d'água. Estas nascentes são, por sua vez, formadoras de riachos que, drenando o plaino cristalino, dão origem aos brejos, de tão grande valor na utilização agrícola do solo.

Foi a facilidade de obtenção d'água, aliada à presença de solos férteis, que propiciou o intenso aproveitamento da região do Cariri, cuja economia está, essencialmente, baseada na agricultura.

O QUADRO NATURAL CONDICIONANTE DA OCUPAÇÃO HUMANA

A chapada — Elemento primordial do relêvo da região, a Chapada do Araripe é constituída de rochas sedimentares sobrepostas ao complexo cristalino, que lhes serve de embasamento. Essas rochas sedimentares dispõem-se em camadas quase horizontais, responsáveis pela forma tabular da chapada. O capeamento sedimentar não tem espessura uniforme e se apresenta bem mais espesso no flanco oriental, diminuindo consideravelmente no flanco oeste, onde é bastante delgado. Segundo o professor NILO BERNARDES, o embasamento sotoposto à chapada parece estar falhado, com um bloco mais elevado a oeste de uma linha Exu-Santana do Cariri. O pacote sedimentar é, então, bem mais espesso a leste, uma explicação provável para a abundante ressurgência e presença de brejo nesta área, contrastando com a ausência dos mesmos na área de Araripe e Campos Sales. Tal decréscimo não se verifica somente de leste para oeste, mas também, de norte para sul. As camadas apresentam, outrossim, uma pequena inclinação no sentido setentrional, fato êsse de grande repercussão para a utilização do solo, pois a inclinação dos sedimentos para norte é outro fator que contribui para que esta vertente apresente grande número de nascentes, contrapondo-se à vertente meridional, onde os afloramentos d'água são escassos.

As rochas que constituem a Chapada do Araripe, são arenitos e calcários de idade reconhecida como cretácica, cujas camadas dispõem-se alternadas. A capa arenítica superior é de grande permeabilidade, evidenciada pela ausência de cursos d'água no tôpo da chapada, pois, o destino de grande parte das precipitações é o da infiltração, fazendo com que as camadas de arenito superior atuem como verdadeiro reservatório natural. No entanto, deve-se levar em consideração a existência de alguma argila em sua composição, dada a impermeabilidade da bacia dos barreiros, obtida mediante apiloamento do arenito superior. O horizonte calcário que serve de base à camada arenítica superior é de importante representação do ponto de vista hidrológico, pois, juntamente com outros tipos litológicos, constitui o substrato do lençol aquífero do arenito superior. Essa série, por sua vez, repousa sobre outras camadas de arenito, que compõem a base da Chapada do Araripe.

A fraca umidade do tôpo da Chapada do Araripe é atestada pela cobertura vegetal que é representada pelo cerrado, onde o pequi é a espécie mais característica. Deve-se, entretanto, ressaltar que atualmente ocorrem, também, outros dois tipos de cobertura vegetal: o carasco constituído por antigas capoeiras, e o localmente chamado *agreste*, formado de um manto de vegetação mais baixa, composta de um capim grosso, que corresponde ao primeiro estágio da capoeira.

A natureza dos solos areníticos, a escassez d'água — que só pode ser obtida através de poços — e o tipo de vegetação, condicionam na superfície do Araripe uma forma de ocupação humana peculiar. Predominam aí terras devolutas, nas quais, durante o verão, abrigam-se os rebanhos bovinos provenientes das áreas agrícolas circunvizinhas. Esta é a principal atividade econômica, complementada por uma pequena agricultura de mandioca e abacaxi. Esta cultura, adaptada às condições naturais, é feita especialmente nos trechos de carrasco, enquanto a criação de gado é realizada de preferência nas áreas de agreste, sendo que também há um livre pastoreio no cerrado.

A encosta — A vertente setentrional da Chapada do Araripe compõe-se, de modo geral, de dois elementos. O primeiro, a parte superior, é constituída por uma escarpa arenítica, abrupta, de perfil acentuadamente vertical, verdadeira cornija, que é na região conhecida pela denominação de “talhado”. O talhado é mais nítido na região de Crato, Barbalha e Missão Velha; em outras áreas, muitas vezes, ele se desfaz em esporões que se destacando da chapada, perdem altura gradativamente, como por exemplo nas regiões de Abaiara e Brejo Santo, assim como na parte ocidental à chapa de São José.

Abaixo do talhado, a vertente norte é formada por uma espécie de patamar dissecado que apresenta uma superfície de topografia irregular, com vertentes, algumas vezes de declives íngremes, entalhadas no arenito. Esta superfície possui características próprias, distintas das unidades anteriormente descritas e é conhecida pela denominação muito difundida em todo o sertão, de “pé-de-serra”.

Não obstante suas características gerais, o pé-de-serra apresenta certas diferenciações topográficas, especialmente nítidas de leste para oeste. Assim, nos trechos correspondentes aos municípios de Crato, Barbalha e Missão Velha, o pé-de-serra torna-se mais desenvolvido, com encostas suaves voltadas para norte, formando amplas bacias que correspondem às mais importantes zonas de cabeceiras. Isto ocorre em particular na área do Lameiro, distrito do Crato. Já a oeste desta cidade, onde a chapada investe através de uma lombada em direção a Dom Quintino, a superfície do pé-de-serra acha-se mais preservada e elevada, devido ao fato de ter tido êsse trecho uma dissecação menos intensa. Entre Santana do Cariri e Aratama a Chapada do Araripe prolonga-se em direção norte através da chapada de São José, uma vez que, a leste, o capeamento sedimentar foi arrasado pelos progressos da erosão no vale que drena a região de Santana do Cariri — Nova Olinda. A área do pé-de-serra que contorna êste vale apresenta-se mais estreita e com formas abruptas. A oeste da chapada de São José, a vertente da Chapada do Araripe perde as características das áreas anteriormente descritas; não há um talhado pronunciado, a ruptura de declive, não obstante perceptível, é aí bastante suave pois as encostas são de fracos declives. Por outro lado, na extremidade oriental, entre Jamacuru e Jardim, a ação mais intensa da erosão é responsável por uma encosta dissecada e pelo mascaramento topográfico da cobertura sedimentar.

É no contacto entre o talhado e o pé-de-serra que se dá a ressurgência da água infiltrada na grande capa sedimentar, dando origem a numerosas fontes (Fig. 2), que, por sua vez, vão formar diversos cursos d'água, possibilitando o aproveitamento agrícola nos vales por eles beneficiados. As águas das nascentes são utilizadas para irrigação das lavouras da área de pé-de-serra e, ainda, para o abastecimento urbano e a produção de energia elétrica, tal como ocorre com as fontes do Granjeiro e Batateiras no município do Crato (Fig. 3). Praticamente as possibilidades agrícolas da área do pé-de-serra estão condicionadas à existência dessas nascentes e ao volume de água das mesmas.



Fig. 2 — A riqueza agrícola da região do Cariri está condicionada à presença das nascentes da encosta da Chapada do Araripe. É no contacto entre o talhado e o pé-de-serra que ressurge a água infiltrada nas rochas sedimentares do alto da Chapada, que dá origem a diversos cursos d'água. A foto mostra a nascente do Granjeiro, uma das mais importantes da região do Cariri. (Foto CNG)

A não uniformidade da espessura do capeamento sedimentar da Chapada do Araripe e sua ligeira inclinação em sentido norte, vão influir, de maneira determinante, na distribuição espacial da ressurgência. Tal fato explica porque as fontes são em maior número e de maior volume na vertente setentrional, entre Santana do Cariri e Jardim. No setor oriental elas são escassas e pouco significantes, o mesmo ocorrendo no sopé meridional. Em Pernambuco apenas duas inexpressivas áreas de brejo se contrapõem ao Cariri: a que corresponde à fazenda do Exu Velho e a que rodeia o pequeno povoado de Tabocas.

O aumento da população e a expansão do cultivo tem contribuído para o emprêgo cada vez maior da água disponível. Dêste modo, segundo opinião dos habitantes locais, está havendo uma diminuição na quanti-

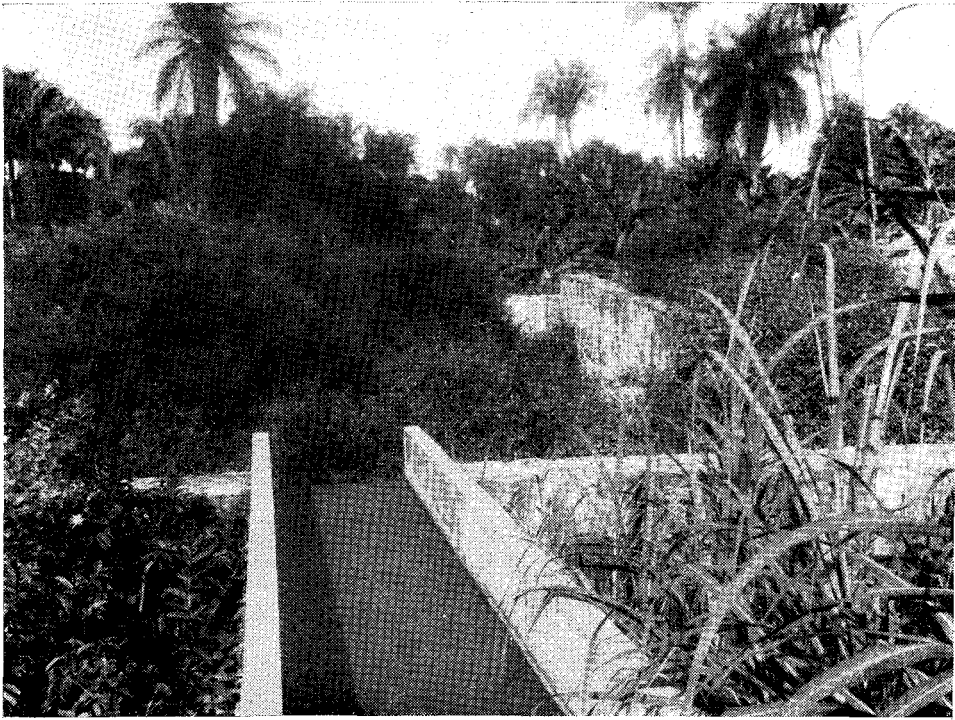


Fig. 3 — A maior umidade existente nas áreas de pé-de-serra, derivada das nascentes aí existentes, é evidenciada pela maior pujança da vegetação, conforme se pode ver na foto tomada nas proximidades da nascente do Granjeiro. Observam-se, outrossim, construções destinadas a canalizar a água procedente desta nascente, que é aproveitada para a produção de energia elétrica. (Foto CNG)

dade de água proveniente das nascentes, devido à devastação da vegetação natural, não só do alto do Araripe, como de sua encosta. Daí a criação do serviço de preservação da cobertura vegetal, que atua não só no talhado, senão também numa estreita faixa da porção setentrional da chapada.

Originariamente a encosta da Chapada do Araripe foi revestida pela vegetação de mata, dada a maior umidade devida às chuvas de relêvo e à natureza permeável da mesma; encontrando-se, hoje em dia, praticamente devastada.

A disponibilidade de água confere ao pé-de-serra setentrional condições propícias à lavoura irrigada. Especialmente em suas partes mais altas, correspondendo à meia encosta da chapada, logo abaixo da linha das nascentes, o pé-de-serra é intensamente ocupado por pequenas propriedades, caracterizadas por uma policultura em que, lado a lado, vêem-se gêneros de subsistência e comerciais. Parcelas de diferentes lavouras dispõem-se pelas terras de pé-de-serra, sem obedecer a nenhuma regra. Muito embora a disposição das culturas não seja rigorosa, nota-se, em geral, preferência pela localização dos canaviais nos vales que dissecam essa área, dos algodoads, consorciados com milho e feijão, nas encostas dos mesmos e das fruteiras nas proximidades das sedes dos numerosos pequenos sítios. Apesar da intensa utilização da terra na

área de pé-de-serra, nela existem manchas consideráveis de capoeiras em suas encostas mais baixas.

Os brejos — Ao pé-de-serra segue-se outra unidade, a dos “brejos”, onde o relêvo, embora ainda ondulado, toma formas topográficas muito mais suaves, com vales bem abertos e elevações de amplitude reduzida, modeladas nas rochas cristalinas do embasamento. Tais vales, drenados pelos cursos d’água procedentes da Chapada do Araripe, confluem em profusa drenagem digitada e vão dar origem a importantes tributários do rio Jaguaribe.

Dentre os principais brejos da região do Cariri, destacam-se o do riacho do Jardim, que de Dom Quintino corre em direção leste indo formar o rio Carás; os brejos do Batateiras, Granjeiro e Salamanca que se abrem para o vale do rio Carás, sendo que nos dois últimos, situam-se, respectivamente, as cidades do Crato e Barbalha. O rio Carás é, ainda, alimentado pelo riacho do Sêco que vindo do pé-de-serra da área de Jamacuru, passa próximo à cidade de Missão Velha. A cidade de Jardim, encravada na vertente oriental da chapada, é o centro de outro importante brejo, formado pelo riacho do mesmo nome, que em Jati se une ao riacho dos Porcos, um dos formadores do rio Salgado. A oeste do município de Crato os brejos têm menores proporções, em decorrência do menor débito das nascentes aí existentes; deve-se, entretanto, mencionar, em especial, aquêle que de Brejo Grande estende-se em direção a Quixerá, passando por Nova Olinda.

Dentro das áreas que, em conjunto, são conhecidas como brejos, distinguem-se três unidades topográficas. A primeira constitui o brejo propriamente dito. Compreende os fundos dos vales, ocupados por planícies aluviais de largura variável, nas quais rios e riachos provenientes do pé-de-serra, formam meandros sucessivos. O *arisco* é a segunda unidade e corresponde às baixas encostas que ladeiam êstes vales, formados de terrenos pobres, arenosos e separados entre si pelas extensões de *tabuleiros*, uma terceira unidade e que compreende os baixos interflúvios. Nos brejos propriamente ditos, os habitantes locais fazem uma distinção entre o que chamam de brejo e os *baixios*: brejo é o vale amplo, onde a planície aluvial periodicamente inundada se apresenta bem desenvolvida oferecendo, portanto, solos dotados de grande umidade; baixio, ao contrário, é a parte de solos menos encharcados, em que a faixa de planície é como que estrangulada pela aproximação das vertentes do arisco; geralmente coincide com um estreitamento do vale. Em determinados trechos, vales dissecando fortemente a encosta da Chapada do Araripe, dão origem a brejos que se apresentam como pequenas cunhas entre duas lombadas da serra; é o caso, por exemplo, de Brejo Grande e Jardim.

A presença de maior umidade nos solos da área de brejos, assim como na região de pé-de-serra, criou condições para a existência outrora de uma vegetação de mata, a qual foi totalmente removida em decorrência da ocupação agrícola dêsses vales.

Atualmente os brejos são densamente aproveitados pelos agricultores que os dedicam especialmente à lavoura de cana-de-açúcar, a qual aí encontrou condições propícias ao seu desenvolvimento. Elemento dos mais antigos da paisagem rural do Cariri, a cana se alastrou ao longo dos vales, como pode ser observado no mapa de uso da terra, e esta área passou a suprir de rapadura e aguardente o sertão nordestino, mercado cuja existência condicionou a implantação da lavoura comercial da cana-de-açúcar na região e a sua permanência na mesma. A área do arisco é, também, aproveitada para agricultura e apenas os tabuleiros, dominados pela vegetação de carrasco, são menos utilizados, só se verificando em escala diminuta alguma lavoura e criação de gado.

As serras — As serras cristalinas, das quais a serra de São Pedro ou de Caririçu é o acidente principal, limitam, ao norte, a região do Cariri. Apresentam perfil trapezoidal, com tópo amorreado, de nível regular, moderadamente dissecado, e dão a impressão de tratar-se de área sedimentar quando vistas de longe. Suas encostas, de escarpa muito entalhada, apresentam várias cristas paralelas, postas em evidência pelo trabalho da erosão orientada pela direção da xistosidade. A pluviosidade é maior nestas serras por influência orográfica, embora a quantidade de chuvas aí registrada seja inferior à que se precipita sobre o Araripe. Mas, ao contrário do que se verifica no alto da Chapada do Araripe, no tópo da serra cristalina existe água, o que condiciona a presença de maior número de lavouras. Em contraposição, não há ressurgências importantes na encosta da serra de São Pedro devido à maior impermeabilidade das rochas cristalinas. O seu pé-de-serra é, pois, mais sêco do que o da Chapada do Araripe. Esta diferenciação esquemática, aliás, se registra em todas as serras importantes do sertão.

Na fisionomia das escarpas predominam as capoeiras e parcelas cultivadas espaçadas que denunciam o emprêgo da rotação de terras.

Antepondo-se à serra de São Pedro, uma pequena crista estrutural — a serra do Hôrto — destaca-se sobre a superfície dos tabuleiros das proximidades de Juazeiro do Norte. Como nas vertentes da serra de São Pedro suas encostas denotam uma ocupação extensiva, onde domina a rotação de terras.

A oeste, a região do Cariri limita-se morfológicamente com a serra cristalina do Quincunicá, que segue em direção norte como que um prolongamento da chapada de São José. Em sua parte superior ainda se encontram pequenas manchas do capeamento sedimentar, que não foram removidas pela erosão. Suas vertentes, como as da serra de São Pedro, apresentam-se bastante dissecadas.

Deve-se, finalmente, considerar a área periférica situada a nordeste, onde a passagem para o sertão dá-se através de uma área de superfície aplainada, de topografia e nível correspondente à da região de brejos, assinalada pelos trechos de tabuleiro aí existentes. A menor umidade, contudo, confere a essa área uma drenagem mais pobre e uma paisagem menos verdejante que a dos brejos. A leste, a região que antecede a escarpa da Chapada do Araripe é constituída de terrenos cristalinos, de

topografia movimentada. Drenada pela rêde formadora dos rios Salgado e médio Jaguaribe os vales, aí, sucedem-se com maior freqüência que na área anterior. Na ocupação humana destas áreas da porção oriental da região do Cariri observam-se características semelhantes às dos sertões propriamente ditos, ou seja, a disposição das habitações e das culturas nos vales, intercalados com longos trechos desabitados de tabuleiros, recobertos de caatinga.

AS MODALIDADES DE OCUPAÇÃO NO CARIRI E NA CHAPADA

Embora a passagem de uma para outra das unidades topográficas acima mencionadas não se faça de modo rápido, a não ser entre o alto da chapada e o talhado, cada uma delas constitui uma paisagem distinta, pois, condicionada pelos fatores do quadro natural, a organização do espaço agrário se processou em cada uma, de modo peculiar.

A utilização da terra na chapada

A tão conhecida monotonia da paisagem humanizada do tôpo da Chapada do Araripe (a "serra") não é senão aparente, pois quando vista em minúcia são observadas diferenças impostas por distintas modalidades de ocupação. A escassez d'água não permitiu que aí se desenvolvesse uma paisagem agrícola verdejante, como a que aparece nas áreas dos arredores da chapada. A atividade econômica primordial é o criatório do gado, que procede anualmente das terras agrícolas das áreas circunvizinhas, criatório êste que na maior parte dos casos é realizado em livre pastoreio, na vegetação natural, oferecendo aos que por aí passam uma paisagem de ocupação rarefeita, verdadeiramente monótona. No entanto, esta monotonia é, muitas vêzes, interrompida por parcelas em cultivo, que aparecem disseminadas na vegetação de carasco. Em determinados trechos, outrossim, estas parcelas cultivadas se sucedem com mais freqüência ocupando uma área mais contínua, como pode ser observado no mapa de uso da terra, área em que o predomínio do criatório é substituído pelo predomínio da agricultura.

As condições naturais desfavoráveis a uma ocupação do solo acarretam, no alto do Araripe, um baixo índice demográfico. As habitações, em pequeno número, acham-se bastante disseminadas dando origem a um *habitat* disperso e desorganizado. São casas, em geral de pau-a-pique, que atestam as precárias condições de vida da população, que vive à base de uma economia não muito compensadora. Por outro lado, as atividades agrárias rigidamente condicionadas ao período chuvoso, contribuem para que as casas tenham aspecto muito rude de verdadeiros ranchos, pois, em grande parte, sua função de moradia está restrita ao semestre de verão.

No alto da chapada, os estabelecimentos rurais não correspondem à propriedade privada da terra, sendo generalizado o sistema de afora-

mento. Com efeito, trata-se de terras devolutas pertencentes ao estado, o qual a requerimento dos lavradores, lhes arrenda parcelas dos mais variados tamanhos. Este sistema não ocorre somente nas terras pertencentes ao estado do Ceará, senão também nas dos estados de Pernambuco e Piauí. Os estabelecimentos arrendados, em geral pelos pequenos proprietários do pé-de-serra e do brejo, recebem a denominação de "logradouros" e têm dimensões variáveis; os menores possuem em média 100 tarefas (30,25 hectares) e os maiores atingem 2 000 tarefas (605 hectares). No trecho correspondente ao município de Crato, como tivemos oportunidade de verificar, as terras acham-se tôdas praticamente arrendadas, sendo comum, atualmente, uns rearrendarem parte de seus estabelecimentos a terceiros. O sistema de utilização da terra na chapada está baseado, como já foi dito, principalmente na criação de gado à sôlta, através do livre pastoreio, realizado tanto nos terrenos arrendados quanto nas terras devolutas não aforadas. A única atenção especial, dispensada à criação é a construção de *barreiros* (Fig. 4). Os barreiros são grandes concavidades escavadas, em geral cercadas, onde é armazenada a água da chuva para o gado. A impermeabilidade do arenito é conseguida pelo pisoteio do gado quando na construção da bacia. Dada a grande onerosidade da construção de um barreiro, nem todos os arrendatários o possuem, sendo comum o gado de uns utilizarem o barreiro de outros. O gado é levado para a "serra" durante a estação chuvosa, quando os terrenos dos sítios do pé-de-serra e brejo são ocupados pelas chamadas lavouras de "inverno". No período sêco,



Fig. 4 — Vista de um barreiro do alto da Chapada do Araripe. E nestas concavidades escavadas que é armazenada a água da chuva para o gado, proveniente das áreas agrícolas circunvizinhas, que para aí é levado durante o período do "inverno". (Foto CNG)

ao contrário, o gado desce para pastar no restólho deixado pelas referidas lavouras. O gado que sobe é constituído de bezerros e gado solteiro, sendo que o gado leiteiro permanece nos sítios. A criação está a cargo de um vaqueiro que recebe pelo regime de sorte, sistema êste que, como se sabe, consiste no direito que tem aquêle indivíduo em receber uma dentre quatro reses nascidas.

Muitos dos arrendatários mantêm dentro desta área de criação, parcelas cercadas, cultivadas, cuja lavoura principal, a mandioca, é em geral cultivada por moradores ou mesmo pelo vaqueiro, que a despeito de suas atividades pastoris faz alguma lavoura para sua subsistência. Quando o uso da terra, baseado na lavoura, ocupa maiores extensões, existe, separando estas áreas agrícolas daquelas de criatório preponderante, uma demarcação que protege as culturas da invasão do gado. Êste divisor recebe a denominação de valado, que corresponde ao conhecido *travessão* de outras áreas nordestinas, ou seja, a linha que estabelece uma divisão entre a área de lavoura e a área de criação.

Nestes trechos, onde há superioridade das lavouras, as plantas cultivadas são mandioca e abacaxi consorciados e também a agave. O sistema agrícola adotado para lavoura da mandioca é bastante rudimentar, utilizando-se, ainda, a rotação de terras através da derrubada e da queimada. Os mandiocais, geralmente, são instalados nas áreas de vegetação de carrasco, sendo as parcelas em cultivo utilizadas durante cinco a oito anos, depois dos quais deixa-se crescer a capoeira, onde é colocado o gado que também aí é criado. Plantado no início do período sêco, em abril, entre as carreiras de mandioca, o abacaxi é colhido durante o inverno. Estando seu cultivo plenamente adaptado às condições de menor umidade daqueles solos, o abacaxi vem tendo aceitação cada vez maior por parte dos plantadores de mandioca. A mandioca destina-se à fabricação de farinha que é feita em estabelecimentos especiais, os *aviamentos*, que são mantidos por alguns dos arrendatários da "serra". Aviamentos são os tipos mais elementares e primitivos da casa de farinha, encontrados praticamente em tôdas as áreas produtoras de mandioca.

A fama da Chapada do Araripe no que tange à produção de farinha advém de sua porção ocidental, situada fora da área em estudo, onde se acha localizado seu principal centro de fabricação — Araripina — que abastece, praticamente, todo o sertão nordestino, dêste produto.

Quanto à agave, seu cultivo é de introdução recente, mas tratando-se de um produto pouco exigente quanto à concentração de umidade, sua lavoura tende a desenvolver-se. A agave constitui uma cultura permanente, cujo plantio é feito no período sêco do ano e a colheita três ou quatro anos depois de plantado. Os meses de colheita correspondem, também, ao período de estiagem, constituindo, pois, esta lavoura uma fonte de trabalho, justamente nos meses de estação morta, em que a diminuição dos totais pluviométricos não favorece outra atividade agrícola.

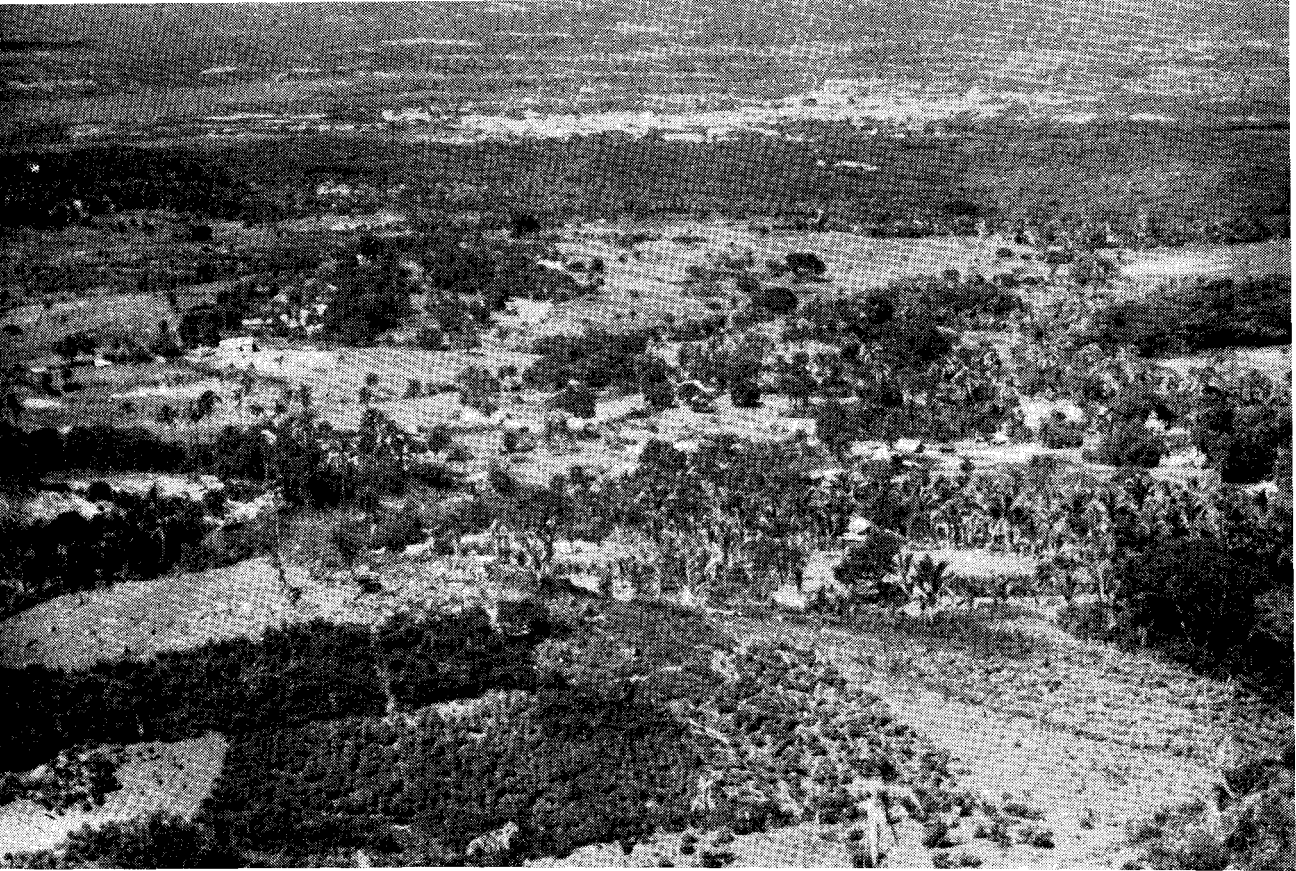


Fig. 5 — Aspecto parcial da região agrícola do Cariri. No primeiro plano aparecem parcelas em cultivo dispostas umas ao lado das outras, retratando o alto aproveitamento agrícola do solo da região do pé-de-serra do Lameiro. Ao fundo, vê-se a cidade do Crato, já situada em área de brejo, centro que comanda toda a vida do Cariri. Extensa faixa de capoeira, anteposta à cidade, comprova o menor aproveitamento da área de tabuleiros. (Foto CNG)

A ocorrência desta estação seca traz como consequência deslocamentos temporários da mão-de-obra, pois parte dos moradores da Chapada do Araripe, durante a intersafra dos produtos “serranos”, desce para trabalhar como parceiros nas áreas de pé-de-serra e brejo. Estas migrações pendulares estão condicionadas à inexistência de água que dificulta ao homem instalar-se no alto da serra do Araripe e são realizadas, portanto, não só em função da criação de animais, como também da busca de melhores terras para a agricultura.

A densidade da ocupação no pé-de-serra setentrional

A ocupação da encosta setentrional da Chapada do Araripe está toda ela concentrada no pé-de-serra. A área correspondente ao talhado, acima da linha das nascentes, apresenta-se inculta, recoberta por uma vegetação secundária. O trecho pertencente ao município do Crato, assim como o do topo da chapada, é fiscalizado pelo Serviço Florestal, que aí mantém o reflorestamento da área com o objetivo de preservação das nascentes.

O grande aproveitamento da terra no pé-de-serra setentrional é atestado pela presença de numerosas parcelas em cultivo dispostas umas ao lado das outras através de quase toda essa área (Fig. 5), especialmente no trecho compreendido entre Santana do Cariri e Jardim; formando uma faixa contínua, de largura variável, que bordeja o sopé

da Chapada do Araripe acompanhando as linhas de cabeceiras dos rios e riachos que procedem das principais nascentes. Como pode ser comprovado no mapa de uso da terra, esta contínua faixa densamente aproveitada, quando encarada no conjunto da região, ocupa pequena área. A largura variável da área cultivada do pé-de-serra está intimamente condicionada ao volume das fontes aí presentes; assim é que nas áreas correspondentes aos municípios de Crato e Barbalha, onde o volume d'água das nascentes é maior, é que a faixa de pé-de-serra se amplia. Predominam, aí, as pequenas propriedades. Considera-se pequena propriedade, na região do Cariri, as que têm menos de 50 tarefas (15,125 hectares). Os estabelecimentos agrícolas entre 50 e 100 tarefas (de 15,125 ha a 30,25 ha) encontram-se na categoria de média propriedade, e os que têm sua área superior a 100 tarefas são aceitos como grandes estabelecimentos.

A origem das pequenas propriedades do pé-de-serra deve-se, essencialmente, ao desmembramento por herança. Não há, na faixa referida, áreas devolutas ou baldias e a alta valorização dêsses terrenos faz com que sejam intensamente utilizados. Existe mesmo, o que podemos denominar condomínios em algumas propriedades: várias famílias cultivando parcelas distintas em uma só propriedade.

Fig. 6 — Aspecto de um canal do pé-de-serra da região do Lameiro. A cana-de-açúcar ocupa posição preeminente entre as demais culturas em toda área do pé-de-serra do Cariri, onde é cultivada mediante irrigação. Ao fundo vê-se a cornija da Chapada do Araripe, regionalmente chamada de talhado. (Foto CNG)



O maior interesse da utilização do solo nas pequenas propriedades do pé-de-serra reside na agricultura comercial, caracterizada por um sistema contínuo de uso da terra. A lavoura nesta área está intimamente condicionada à intensidade das nascentes. Nos trechos correspondentes aos municípios do Crato, Barbalha e Missão Velha, que são os mais típicos e os mais importantes, as principais culturas são: cana-de-açúcar, algodão e fruteiras. A cultura da cana no pé-de-serra é, essencialmente, uma lavoura irrigada ao contrário do que se dá nos brejos dos fundos dos vales (Fig. 6). O mesmo sucede com o arroz. Dêsse modo, ocupando os canaviais posição proeminente entre as demais culturas, grande parte da área cultivada é aproveitada mediante irrigação.

Das nascentes saem as levadas — regos não cimentados — que são destruídos no “inverno” pelas águas das chuvas. Cada sítio tinha, originariamente, sua levada, mas com a divisão das propriedades por herança, hoje em dia várias são as servidas por uma mesma levada. A medida da água era dada em *telhas*, mas esse regime foi substituído pelo número de dias d'água. Isto porque a quantidade da água tem diminuído e não é suficiente para o número de telhas a que cada proprietário tinha direito. O número de dias d'água varia de uma para outra propriedade. Na maioria delas existem açudes onde é depositada a água que corre durante a noite proveniente da levada, uma vez que não sendo mais comum, atualmente, o processamento da irrigação nessas horas do dia, há necessidade de armazenar a água para evitar grande desperdício. Por outro lado, as deficiências da técnica de irrigação decorrentes do sistema primitivo de regadio, que persiste até nossos dias, têm trazido grandes prejuízos não só para o pé-de-serra senão também para o brejo, uma vez que há necessidade de um aproveitamento racional da água, dada a redução de seu volume disponível que procede das nascentes.

A cana cultivada na região é uma variedade POJ, mas está em alguns sítios, sendo substituída pela roxinha, por ser considerada dura, o que prejudica a maquinaria dos engenhos. Segundo opinião dos lavradores locais o rendimento da cana-de-açúcar tem diminuído na área e essa diminuição tem sido compensada pelo aumento da área cultivada. Outrora o rendimento obtido era de 1 000 a 1 500 *cargas*¹, por 60 tarefas (18,15 hectares) e atualmente não ultrapassa 500 a 600 cargas. Tal queda no rendimento é atribuída ao cansaço das terras. Cultivadas continuamente, sem descanso, seu rendimento não é renovado pela adubação. O plantio da cana, pelo sistema de covas, se faz ao findar a estação chuvosa (março) e, completado um ano, inicia-se o primeiro corte. É em junho, em plena estação seca que começa propriamente o período da safra. Depois de cinco cortes, a terra era deixada em repouso apenas até o final da estação chuvosa seguinte quando era novamente plantada com cana. Está se tornando comum, agora, depois de ocupado o terreno por cinco anos com a cana, arrancar-se a soca, adubá-lo com estêrco de gado e aproveitá-lo para uma safra de arroz, que plantado

¹ O termo *carga* se aplica aos volumes de mercadorias a serem conduzidos por um animal. Corresponde, em média, a uma carga de 80 quilos.

em dezembro e colhido em maio, logo dá lugar novamente à cana (Fig. 7). Essa alternância melhora a qualidade da terra, não só pela adubação mas, também, porque ao arrancar-se a soca da cana revolve-se o solo, e, por outro lado, o arroz deixa a palha que também concorre para a regeneração do mesmo.



Fig. 7 — A substituição de canaviais cultivados em antigas parcelas pela lavoura do arroz, torna-se cada vez mais freqüente na região agrária do Cariri. A fotografia mostra, em primeiro plano, parte do terreno preparado para o plantio do arroz, ao centro este produto já plantado em área anteriormente ocupada com a cana e, finalmente, um canavial ainda em produção. Essa alternância resulta numa maior conservação dos solos uma vez que favorece a regeneração dos mesmos. (Foto CNG)

O principal objetivo da plantação de cana-de-açúcar é a fabricação da rapadura, produzida em engenhos existentes nos sítios e hoje em dia movidos, em sua maioria, a óleo diesel. Ao lado desses aparecem alguns poucos estabelecimentos que produzem aguardente. Os engenhos do Cariri não diferem dos encontrados nas demais regiões canavieiras do Brasil, assim como não difere o processo para a obtenção da rapadura e aguardente.

O algodão cultivado no pé-de-serra é exclusivamente o algodão prêto ou arbóreo. As mudas são plantadas em janeiro e fevereiro e a primeira colheita só se efetua um ano depois, de agosto a novembro. Um algodão dura, em média, de quatro a oito anos. Na maioria das propriedades, nos dois primeiros anos, enquanto o algodão não produz, faz-se a cultura consorciada de milho e de feijão, cujo plantio se realiza no início do “inverno”. Os produtos de subsistência constituem pois, *grosso modo*, culturas intercalares, dada a carência de terras disponíveis. Trata-se de uma combinação de culturas de sequeiro que se apóia nas chuvas relativamente abundantes do “inverno”.

Nas áreas onde há uma diminuição da água de ressurgência observa-se o predomínio do algodão e uma diminuição considerável da lavoura canavieira e fruteiras irrigadas. Isso ocorre nas áreas voltadas para leste entre Jamacuru e Jardim e na área situada a oeste do município do Crato.

No distrito de Lameiro (município do Crato) que compreende somente terras de pé-de-serra e conta com boas aguadas, a lavoura do algodão é pouco expressiva se comparada com o restante desta faixa agrícola. Provavelmente a grande proximidade da cidade do Crato é que explica tal fato, pois a ela se deve a expansão de outro tipo de utilização da terra, ligado à produção de frutas, que ocupa área bem expressiva ao lado das demais formas já descritas. O cultivo, em grandes quantidades e variedades, de árvores frutíferas no pé-de-serra é possível graças à maior umidade da região. É freqüente a presença, nos sítios, de bananeiras, cajueiros, abacateiros, mangueiras, goiabeiras, maracujazeiros, coqueiros, e outras, que são cultivadas à base da irrigação. Na área do Lameiro, mais próximo do Crato, alguns sítios se dedicam com exclusividade, à lavoura de árvores frutíferas, dadas as vantagens dessa cultura, especialmente no que tange ao alto preço conseguido no mercado consumidor.

O café já foi produto muito cultivado no pé-de-serra da Chapada do Araripe, como em muitas outras áreas serranas do sertão nordestino, mas esta cultura encontra-se, no presente, em decadência. Os antigos cafêzais foram invadidos pelos babaçuais espontâneos, que os prejudicaram. Os proprietários preferem explorar o babaçu uma vez que exige pouco trabalho e alcança melhor preço no mercado.

Fato que merece ser ressaltado é que em todo pé-de-serra quase não se faz criação e as poucas cabeças de gado que existem são em número muito abaixo das necessidades regionais. Isso decorre do fato de que sendo as terras altamente valorizadas e as propriedades pequenas, os terrenos estão praticamente, ocupados pela agricultura. O pequeno número de cabeças existentes destina-se sobretudo, à produção de leite, permanecendo o gado leiteiro nas sedes dos sítios durante todo o ano. As poucas cabeças de cria são levadas para a chapada durante os meses da estação chuvosa, descendo para os campos de algodão, milho e feijão, depois da colheita dos mesmos no início da estação seca.

Quanto ao regime de exploração das propriedades, a força de trabalho é constituída pelas famílias de moradores, que residem nas mesmas e recebem, além da casa para habitar, um trecho de terra para o roçado. São considerados moradores de sujeição, pois, como os da faixa úmida nordestina, são obrigados a trabalhar para o dono da terra na lavoura, nos engenhos ou em outros serviços, durante dois ou três dias por semana, quando recebem uma diária. Dentro desse quadro geral há variantes do regime de exploração de um sítio a outro do pé-de-serra. Assim, em suas roças, a maioria dos moradores não têm o direito de cultivar a cana-de-açúcar, pois a área utilizada pela mesma é limitada no pé-de-serra pelas possibilidades de irrigação e toda ela muitas vezes é aproveitada pela lavoura do proprietário. Aquêle a quem é facilitada



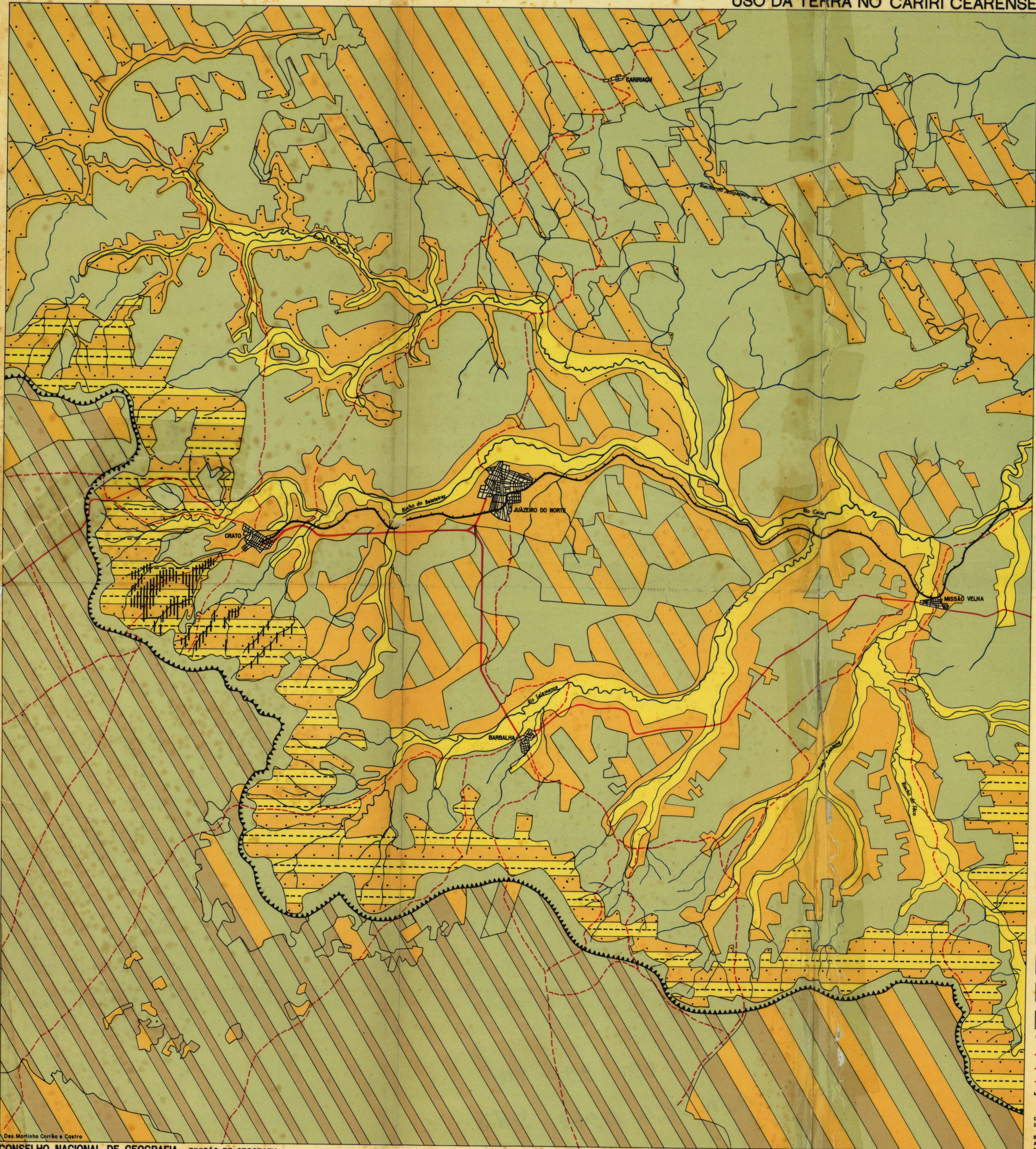
Fig. 8 — Aspecto da sede de um sítio do pé-de-serra. As residências dos pequenos proprietários caracterizam-se, em geral, por serem de alvenaria e bem construídas. A retratada na presente fotografia, por seu estilo mais moderno, denota o progressivo desmembramento que têm sofrido as propriedades da região. Ao fundo vê-se o talhado da Chapada do Araripe recoberto pela vegetação de mata, cuja preservação está a cargo do Serviço Florestal da cidade do Crato. (Foto CNG)

a cultura canavieira tem sua produção, obrigatoriamente, beneficiada no engenho do patrão, ficando para este metade da rapadura fabricada. Outros moradores fazem a meia do algodão e ficam com toda lavoura de produtos secundários. Alguns proprietários admitem, também, diaristas que, comumente, não moram no sítio.

É raro o absenteísmo na área e, geralmente, o proprietário mora na propriedade, embora alguns possuam casas na cidade, principalmente no Crato. As casas dos proprietários e moradores distribuem-se pelas encostas modeladas no pé-de-serra, sendo nítida a distinção entre elas. Enquanto as primeiras são de alvenaria e em sua maioria bem construídas (Fig. 8), as segundas são de pau-a-pique revelando o baixo padrão de vida de seus habitantes.

Esta estreita faixa de pé-de-serra, de povoamento muito denso, com suas pequenas propriedades altamente cultivadas, apresenta, em seu conjunto, um *habitat* disperso e irregular, pois a ausência de um elemento ordenador faz com que não haja uniformidade na localização dos estabelecimentos. Somente no distrito de Lameiro, onde não há, propriamente, a formação de um núcleo urbano, dada a grande proximidade da cidade do Crato, as casas tendem a aglomerar-se ao longo da estrada que busca a Chapada do Araripe (Fig. 9). Dentro desta dispersão encontramos povoados e lugarejos, tais como Santa Fé e Ponta da Serra, que não passam de aglomerados de função eminentemente rural. São o que se pode denominar povoados, centros que vivem em função da população agrícola adjacente.

USO DA TERRA NO CARIRI CEARENSE



- CULTIVO CONTÍNUO: CANA OU ARROZ
- RESAPIO: CANA OU ARROZ
CULTIVO CONTÍNUO: SEQUEIRO: ALGODÃO - MILHO - FEIJÃO
(RESTOLHO APROVEITADO PELO GADO NA ESTIAGEM)
- CULTIVO CONTÍNUO: MILHO - FEIJÃO CONSORCIADOS
(RESTOLHO APROVEITADO PELO GADO NA ESTIAGEM)
- ROTAÇÃO DE TERRAS: CONSORCIO MILHO - FEIJÃO - ALGODÃO
- ALGODÃO ARBÓREO
- CRIAÇÃO DE GADO EXTENSIVA E ROTAÇÃO DE TERRAS:
CONSORCIO MANDIOCA - ABACAXI
- LIVRE PASTOREIO
- FRUTEIRAS IRRIGADAS
- INÓLITO
- (SO SE INDICAM AS PLANTAS MAIS IMPORTANTES EM CADA CATEGORIA)
- ESTRADA PAVIMENTADA
- ESTRADA NÃO PAVIMENTADA
- CAMINHO
- ESTRADA DE FERRO

CARTA ELABORADA POR HADINE DA SILVA BARROS COM BASE EM OBSERVAÇÕES DE CAMPO E FOTO INTERPRETAÇÃO, 1962

BASE CARTOGRÁFICA ORTICA DIRETAMENTE DE FOTOGRAFIAS AÉREAS EXECUTADAS POR LEVANTAMENTOS AEROFOTOGRAFICOS S. A. NA ESCALA APROXIMADA DE 1:40 000

Des. Marinho Corrêa e Castro

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA - DIVISÃO DE GEOGRAFIA

Escala aproximada 0 5 km

A agricultura nos brejos e o papel da cana-de-açúcar

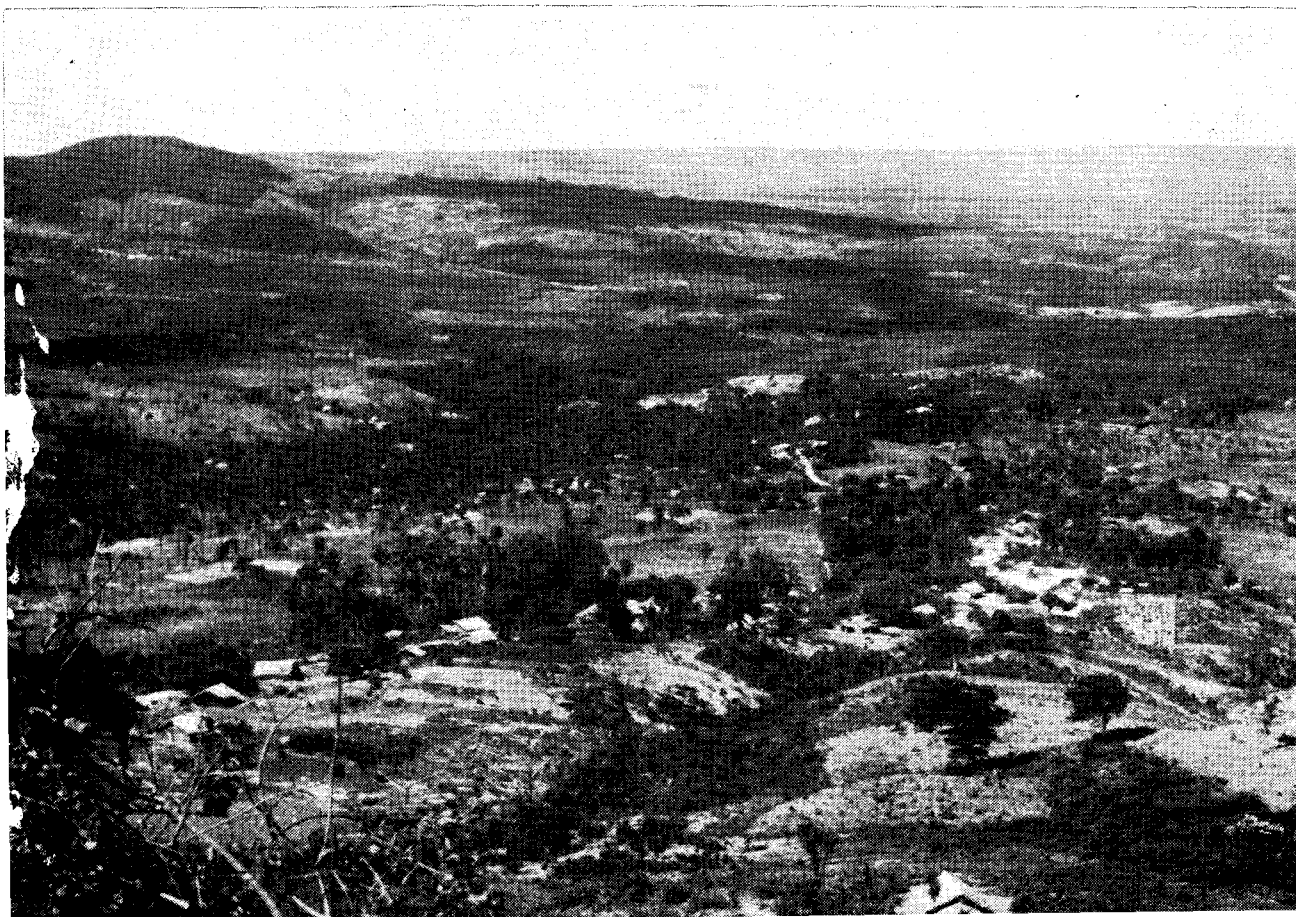
A cultura da cana-de-açúcar constitui o elemento dominante da paisagem rural dos brejos do Cariri, embora não ocupe toda área das propriedades (Fig. 10). Por outro lado, tem-se que levar em consideração que a faixa ocupada por esta lavoura, ao longo dos brejos, é mínima em relação ao restante da região do Cariri, como pode ser visto no mapa de uso da terra. Os principais brejos canavieiros são: do Batateiras, do Granjeiro, o do Salamanca e o do Jardim.

Dominam nos brejos como no pé-de-serra as pequenas propriedades, subdivididas por herança e que se dispõem perpendicularmente aos vales, abrangendo áreas de brejos, de arisco e de tabuleiro. Necessário é, entretanto, fazer-se referência ao fato de que as propriedades localizadas nos trechos onde a planície aluvial se estreita, isto é, nos trechos denominados de baixio, são menores e exploradas em regime familiar.

No brejo, as propriedades mais características são denominadas *sítios* e não *engenhos* como em outras áreas canavieiras, isto porque se trata de pequenos estabelecimentos comumente inferiores a 50 tarefas que contrastam com os extensos domínios das áreas típicas daquela

Fig. 9 — A paisagem agrária da região do Lameiro é a mais característica dentro da área de pé-de-serra. Nela sente-se a intensa utilização da terra através de uma policultura em que, lado a lado, são encontrados, gêneros de subsistência e comerciais.

A proximidade da cidade do Crato impede que aí se forme um núcleo urbano. As casas dispõem-se ao longo da estrada que busca a Chapada do Araripe como pode ser observado na presente fotografia. Ao fundo encontra-se um esporão da Chapada onde a ausência de nascentes dificulta a ocupação agrícola do solo. (Foto CNG)



lavoura, não se notando, outrossim, o escalonamento social determinado geralmente pela presença do senhor do engenho. O pequeno proprietário faz sua lavoura auxiliado por moradores, o que constitui o regime de trabalho predominante no Cariri. O número destes trabalhadores varia, de uma para outra propriedade, em torno de duas ou três dezenas de famílias. São moradores de sujeição que moram nos sítios recebendo uma parcela de terra de arisco para cultivar para si. São obrigados a dar dois ou três dias de serviço por semana, quando recebem uma diária, como no caso já mencionado do pé-de-serra. Praticam uma lavoura de subsistência sendo que, com raríssimas exceções, é permitido a alguns deles o cultivo da cana em área de brejo. Nesse caso, a produção de cana é moída no engenho do patrão, sendo a rapadura dividida a meias.

Como no pé-de-serra, os proprietários residem nos próprios sítios, alguns possuindo casas nas cidades.

Nos brejos do Cariri há uma íntima relação do modo de utilização da terra com a diferenciação topográfica. Nos brejos propriamente ditos e nos baixios, isto é, na faixa de terrenos aluviais, ora mais largos, ora mais estreitos, que margeia os cursos d'água acha-se instalada a lavoura de cana-de-açúcar. Ao contrário do pé-de-serra, os canaviais dos brejos não são irrigados, seu plantio é feito de abril a maio depois de baixarem as águas e o primeiro corte ocorre no ano seguinte, de junho a dezembro. O canavial é cortado anualmente e pode durar cinco anos sem retirar a soca. O sistema de plantio é o do *valado*², isto é, não abrem covas e sim compridas e contínuas valas. Os terrenos geralmente não são adubados, e só de quando em vez, os proprietários usam estrume. Os rios contribuem para a renovação parcial desses solos, pois quando enchem, no período do "inverno", inundam os brejos e alagam os campos de cana, nêles depositando sua carga aluvial.

As variedades de cana cultivadas nos brejos do Cariri têm sido várias vêzes substituídas, pois ressentem-se dos efeitos desfavoráveis da ação de pragas, em especial o *mosalco*. Os tipos de cana plantados eram a princípio a caiana e a *cana-rosa* que cederam lugar a uma das POJ que, por sua vez, já está sendo substituída.

A produção canavieira, como já foi dito, destina-se ao fabrico de rapadura, que é feita nos pequenos engenhos das propriedades, movidos, hoje em dia, com raras exceções, a óleo diesel. Em sua maioria, os sítios possuem cada qual seu engenho, e aqueles, em menor número, que não estão nesse caso, entregam a sua cana a terceiros, dividindo-se a produção da rapadura a meias. No período da safra há necessidade de mão-de-obra numerosa, tanto para o corte da cana quanto para o trabalho nos engenhos. Tal fato tem como consequência a manutenção do tradicional regime de exploração baseado no trabalho de moradores de sujeição, que constituem uma verdadeira reserva de mão-de-obra para o corte e a moagem da cana. Nessas pequenas propriedades dos brejos são necessários, mais ou menos, trinta pessoas no período da safra, cada

² O termo *valado* dado a um dos processos de plantação de cana-de-açúcar, nada tem a ver com a mesma denominação que recebe o limite fixado entre as áreas de criação e as de lavoura, na serra.

uma com uma função específica. Assim se distribui essa mão-de-obra de acôrdo com as tarefas a executar: oito cortadores de cana, três amarradores do produto, sete cambiteiros, dois bagaceiros, um mexedor de bagaço, um metedor de fogo, um caldeireiro, um auxiliar de caldeireiro ou meeiro, um mestre, dois caixadores, um bagaceiro fresco (tira o bagaço verde e bate na bagaceira), um metedor de cana, um ou dois tombadores e um maquinista.

Quanto ao rendimento, não obstante variações de um para outro estabelecimento, tem-se, em média, para sete cargas de cana uma carga de rapadura, o que corresponde a uma produção de cem rapaduras de oitocentos gramas. Dêsse modo, uma tarefa de cana plantada dá umas trinta cargas de rapadura, em época boa.

Assim como ocorre no pé-da-serra é hábito, recentemente, nas áreas de brejo a cultura do arroz em parcelas antes cultivadas com cana. Todo ano arrancam a soca da mais antiga parcela do canavial e, aproveitando o período chuvoso, nela plantam o arroz, cuja lavoura, assim como a da cana, não é irrigada. O plantio do arroz é feito sem adubação em dezembro-janeiro e a colheita de maio a junho, tornando-se a plantar cana no mesmo lugar, logo em seguida. Aos mesmos moradores de sujeição cabem as tarefas do plantio e colheita do arroz que constituem, dêsse modo, uma atividade complementar, em meses outrora quase mortos nos brejos.

Na área de arisco, isto é, na parte da propriedade que se segue ao brejo, ocupando as suaves encostas inferiores das colinas, faz-se comumente o cultivo contínuo do consórcio milho-feijão. É a chamada lavoura secundária ou safra de “inverno”, como o arroz, visto que o plantio começa no início das chuvas (dezembro-janeiro), sendo os produtos colhidos três meses depois. Essa lavoura secundária, em geral, é feita pelos moradores que não pagam renda ao patrão pelas mesmas. Nestas terras de arisco, faz-se, tradicionalmente, uma espécie de rodízio entre a safra de “inverno” e a criação. No “inverno” o gado do proprietário é levado, em sua maior parte, para a serra e durante o período sêco, após a colheita da lavoura secundária, o rebanho desce para as áreas de arisco, sendo pôsto a pastar na palhada deixada por aquelas culturas. Essa transumância é comum em todo o Cariri, e aqueles que não possuem terras na chapada, mandam seu gado para a área de caatinga do sertão pernambucano de Parnamirim, Bodocó e Ouricuri, ou então, para o que localmente chamam de “Sertão do Cariri”, isto é, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, e Jati. O gado leiteiro não participa da transumância; êle é criado em currais situados próximo às sedes das fazendas, onde recebe, entre outras forragens, o resíduo de caroço de algodão.

As partes mais elevadas das propriedades correspondem às áreas de tabuleiro cuja vegetação de carrasco fornece lenha para o gasto. Aí, é criado, também, algum gado à sôlta, durante o ano todo. Pratica-se, por outro lado, pelos moradores, uma lavoura secundária de milho e feijão, consorciados, ou mandioca em rotação de terras.



Fig. 10 — Elemento dominante da paisagem rural dos brejos do Cariri, a lavoura da cana-de-açúcar ocupa, praticamente, toda a faixa de terrenos aluviais. Trata-se de uma cultura tradicional sustentada pelo mercado sertanejo, consumidor de rapadura e aguardente dela obtidas. (Foto CNG)

Em Brejo Grande e Jardim, onde não há área de arisco nem de tabuleiro, ao brejo ocupado pela cana seguem-se as encostas do pé-de-serra cultivadas com algodão arbóreo consorciado com milho e feijão. As pequenas propriedades abrangem, então, terras não só de brejo como também de pé-de-serra. A cana é cultivada pelos moradores de sujeição, que em Brejo Grande lançam mão da irrigação com água das nascentes, enquanto o algodão é cultivado pelos mesmos moradores segundo um sistema que consiste no pagamento de uma renda de duas arrôbas por tarefa ao dono da terra.

Não obstante seja a cana-de-açúcar o elemento dominante na paisagem dos brejos, nem todos os brejos do Cariri se caracterizam por esse tipo de cultivo. Tanto que no riacho do Jardim formador do rio Carás e no vale dêste último não mais predominam os canaviais. No brejo do riacho do Jardim a lavoura da cana-de-açúcar é substituída pela do arroz que é plantado no brejo consorciado ao algodão herbáceo anual. O arroz é semeado em dezembro e o algodão em janeiro-fevereiro sendo ambos colhidos em junho. Já o vale do Carás é ocupado por extensos arrozais que constituem uma monocultura no brejo.

Não há ladeando êstes dois vales a característica faixa no arisco com suas plantações de feijão e milho, como a que ocorre nos brejos

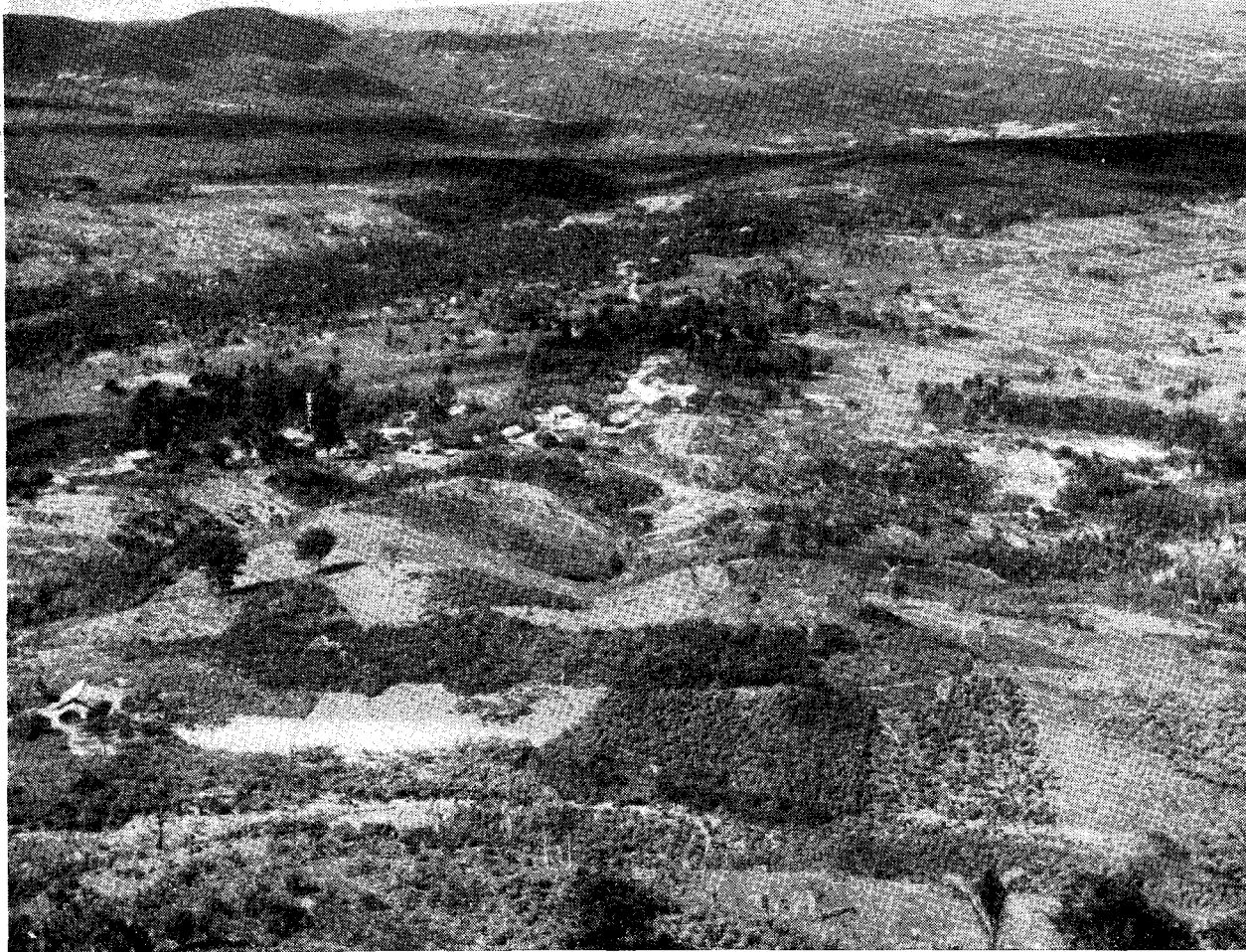
canavieiros. Nêles, tanto a área de arisco quanto a de tabuleiros, êstes, aí, mais elevados, são plantadas com algodão prêto, arbóreo e perene, consorciado àqueles produtos (mapa de uso da terra). Um algodoal dura, em média, dez anos e é colhido uma vez por ano, em setembro.

Nessa área dos vales do Carás e Jardim, onde rareia a cana, o regime de trabalho, por sua vez, é diferente das outras áreas de brejo anteriormente analisadas, não sendo aí encontrados moradores de sujeição e sim regime de parceria que, por sua vez, vai variar entre o baixio e o tabuleiro. Nos baixios, os lavradores trabalham à base da meia, tanto na cultura do arroz quanto na do algodão. Nos tabuleiros predomina outra forma de parceria. Para os produtos de subsistência, os chamados *legumes*, milho, feijão e mandioca, pagam os trabalhadores ao proprietário 1/4 da colheita, cabendo-lhes a meia do algodão. Neste tipo de parceria, que chamam localmente de arrendamento, o patrão só dá além do terreno a ser cultivado, a casa para morar. Já na meia do arroz e do algodão, no brejo, o trabalhador recebe, também, as sementes. Dada a alta valorização do algodão, está havendo um aumento da área cultivada com o mesmo. É costume a venda do produto ainda na fôlha, isto é, não colhido, estabelecendo o comprador um preço sempre inferior ao preço alcançado na safra.

A cana-de-açúcar, entretanto, não está completamente ausente dos brejos de arrozais. São várias as propriedades que fazem a cultura dêsse produto, cujas características são semelhantes às das áreas anteriormente analisadas.

Outro recurso econômico da região de brejos, em pleno desenvolvimento, é o babaçu. Espontâneo na região, o babaçu é encontrado disseminado em trechos das áreas de arisco, como por exemplo no vale do Salamanca entre Barbalha e Missão Velha. Esse vegetal é explorado, principalmente, pelas mulheres e filhos dos moradores, obedecendo ao seguinte sistema: deixam o fruto cair quando maduro, põem-no ao sol para secar, e depois de sêco abrem-no a machadinha e retiram os bagos. Uma mulher trabalhando bem consegue uma produção diária de duas cuias de dez litros cada uma.

A intensa ocupação da terra, em toda área de brejo, traduzida pela seqüência de parcelas cultivadas é, outrossim, revelada pela freqüência das habitações rurais, que se sucedem umas às outras, com uma distância relativamente pequena entre elas. O *habitat* da região de brejos é, pois, disperso linear, estando as casas localizadas de preferência na área de arisco, próximo da várzea cultivada. As sedes dos sítios são de alvenaria, porém, as diferenças de estilo de suas construções, ora solarengas e antigas, ora de aspecto mais recente e mais modesto, denotam o progressivo desmembramento que têm sofrido as propriedades, o mesmo podendo ser dito em relação às da área de pé-de-serra. As casas dos moradores revelam pelas suas pequenas proporções e aspecto tôsko, o baixo padrão de vida dêsses trabalhadores. São construções de sopapo, em sua maioria não revestidas e cobertas de telhas, onde é patente a falta de maiores cuidados com essas habitações.



*As formas de aproveitamento na faixa de transição
do Cariri para o sertão*

O limites da região do Cariri com o sertão pròpriamente dito, como já foi visto, se dá através de regiões morfológicas distintas: ao norte o limite é impôsto pela presença da serra cristalina de São Pedro que se dispõe no sentido leste-oeste; a noroeste do Crato pela serra do Quincuncá que se alinha para o norte; a nordeste de Missão Velha através de vales e tabuleiros de fracas amplitudes e, finalmente a leste de Juazeiro do Norte pela área de Milagres, Brejo Santo e Jati que antecedendo a Chapada do Araripe apresenta uma topografia mais ondulada que a anterior, isto é, a nordeste de Missão Velha. Não obstante a variedade topográfica, a forma de ocupação nesta áreas se mantém mais ou menos uniforme, com pequenas variações, entre elas. O traço marcante do aproveitamento destas áreas, que as diferenciam do Cariri pròpriamente dito, é a ausência dos canaviais e extensos arrozais na paisagem, como se vê no mapa de uso da terra. Surge, aí, uma ocupação típica de sertão — algodão nas partes mais elevadas e arroz (em pequena quantidade), milho e feijão no fundo dos vales — porém, bem mais densa, o que justifica a denominação dada às mesmas de “faixa de transição”, onde a maior densidade de aproveitamento do solo é devida às condições de umidade. Outra característica dessa faixa de transição é que desaparece práticamente o regime de trabalho baseado nos moradores de sujeição



Fig. 11 — A permeabilidade da Chapada do Araripe confere-lhe um pé-de-serra irrigado pelas águas das nascentes que aí afloram, condicionando uma paisagem verdejante, dada a intensa ocupação agrícola do solo. Ao contrário, devido à constituição cristalina da serra de São Paulo, suas encostas vão se caracterizar pela ausência de nascentes e a menor umidade não permite uma utilização mais intensiva da terra. Observando-se as duas fotografias sente-se, perfeitamente, esta diferença de utilização da terra, condicionada por quadros naturais distintos. (Foto CNG)

que é substituído pelo sistema de parceria, pela presença dos *meeiros*, característicos da agricultura sertaneja. Por outro lado, as propriedades são nesta faixa, em média, maiores do que as do Cariri propriamente dito. Enquanto que no Cariri predominam os sítios com menos de cinqüenta tarefas, nas áreas de transição são comuns as propriedades de 50 a 100 tarefas, algumas das quais chegam mesmo a ultrapassar esse tamanho. A altitude da serra de São Pedro não constitui obstáculo do mesmo porte que a Chapada do Araripe para dar origem a grandes precipitações; muito embora haja aí, u'a maior concentração de chuvas que nas planuras sertanejas. Além disso sua constituição cristalina lhe confere uma paisagem diversa daquela da Chapada do Araripe: enquanto esta por ser sedimentar possui um tópo de ocupação rarefeita que contrasta com suas encostas de povoamento denso condicionado pelas nascentes, aquela vai apresentar sua superfície superior com maior densidade relativa de ocupação que suas vertentes, pois a ausência de nascentes nos flancos não ocasiona maior umidade que possibilite uma utilização mais intensiva da terra. (Fig. 11).

A paisagem agrária desta serra cristalina que se distingue do sertão propriamente dito, mais pelo parcelamento e pela intensidade de ocupação do que pelos aspectos qualitativos da utilização da terra, é caracterizada pelo sistema de médias propriedades (50 a 100 tarefas) que se distribuem pelo tópo e pé-de-serra, embora o regime de trabalho não seja o mesmo para as duas áreas. No pé-de-serra, a maioria adota como

regime de trabalho a parceria, aquêle em que o lavrador recebe um trato de terra onde planta algodão consorciado com milho e feijão; faz a meia do algodão e paga ao dono da terra um quarto de tarefa dos "legumes". O milho e o feijão só são plantados consorciados com o algodão durante os dois primeiros anos enquanto o algodão não produz. Depois de colhidos os legumes o algodão permanece sozinho durante oito anos, no final dos quais deixa-se crescer a capoeira. No alto da serra, ao contrário, são geralmente os proprietários que tocam a lavoura algumas vezes auxiliados por moradores, não havendo contudo sujeição. Não há, aí, lavoura de algodão. Os produtos cultivados são milho e feijão, consorciados, mandioca e agave.

A mandioca cultivada na serra destina-se à fabricação de farinha, que é produzida em aviamentos na própria área de cultivo, cuja produção é consumida localmente.

Foi a partir de 1950 que se iniciou o plantio do agave na serra de São Pedro. Nos primeiros anos, esse produto é cultivado associado com os "legumes", sendo ainda poucos os proprietários que o cultivam, só o fazendo aquêles que possuem terras cansadas que já não oferecem um bom rendimento das outras lavouras características do tôpo da serra. A produção é vendida na cidade de Caririáçu onde há um fabrico artesanal de corda. (Fig. 12).

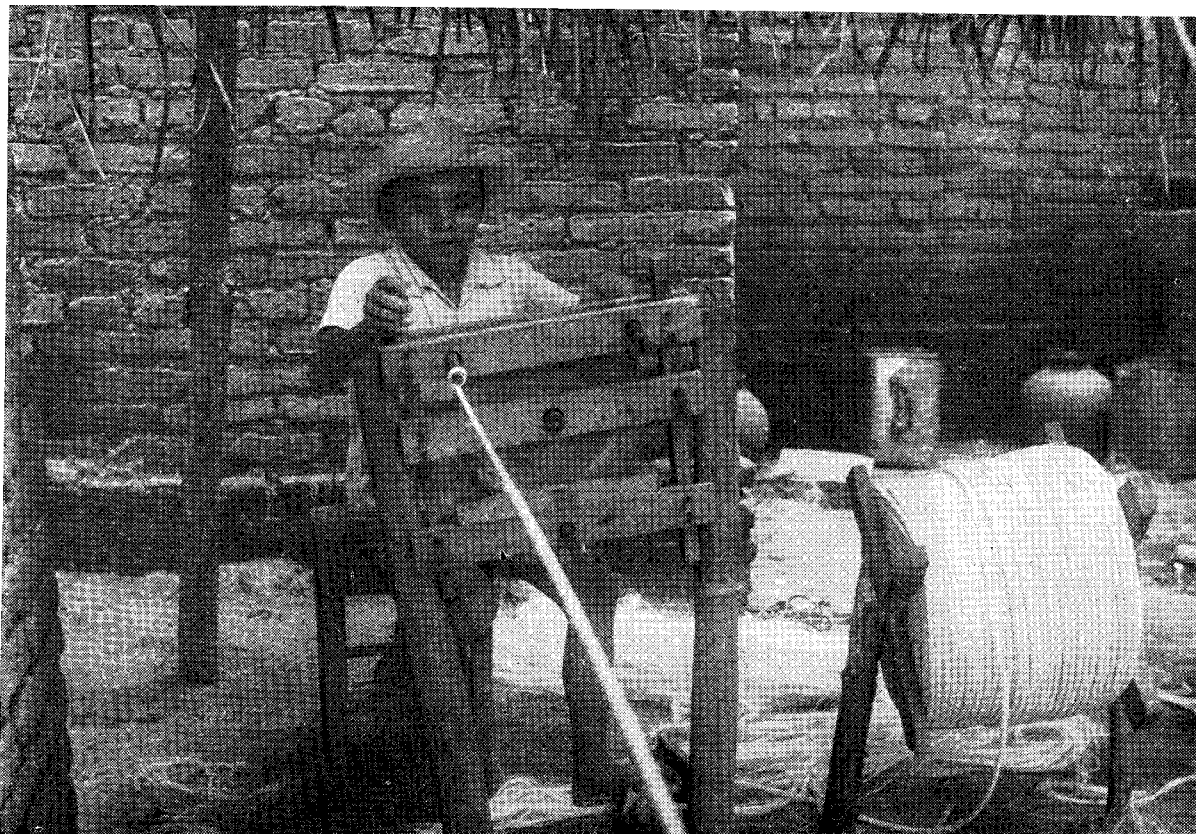
O sistema de utilização da terra na serra como no pé-de-serra é o da rotação de terras o que pode ser observado pelo grande número de capoeiras existentes. Após a derrubada, o terreno é cultivado durante uns dez anos consecutivos, período esse que é mais prolongado na serra, no final dos quais deixa-se crescer capoeira, durante outros dez anos. O tamanho das roças varia entre a serra e o pé-de-serra, enquanto nesta área as parcelas cultivadas têm em média dez a vinte tarefas, naquela são bem menores, cinco a dez tarefas.

Fato que diferencia esta região do sertão é que nela a criação de gado bovino é inexpressiva quando comparada à das áreas sertanejas.

Outra região considerada como de transição é a de Milagres, Brejo Santo e Jati, uma vez que nela já se sentem características típicas sertanejas, tais como a lavoura de algodão arbóreo nas partes mais elevadas e de arroz, milho, feijão nos brejos, grandes espaços incultos nos interflúvios, onde há maior frequência do criatório. O que a diferencia do sertão propriamente dito é a ocorrência dos pequenos brejos que se sucedem uns aos outros. Esta região tem sua economia baseada na lavoura do algodão desde 1940. Anteriormente, o principal produto era a mandioca cuja lavoura vem decaindo gradativamente. O plantio do algodão, feito nas encostas dos interflúvios aplainados, é praticado pelo sistema da meia, sendo, em alguns casos, intercalado pelo milho. As lavouras de "inverno" dos brejos são realizadas por trabalhadores que pagam uma renda correspondente a uma quarta parte da produção. Aparece nesta área uma criação de gado à solta, gado este que, em grande parte, procede dos sítios do Cariri propriamente dito, e que é



Fig. 12 — A cultura da agave, de introdução recente na serra de São Pedro, área de transição para o sertão, acha-se em pleno desenvolvimento. A produção é industrializada na cidade de Caririáçu onde há um fabrico artesanal da corda. (Foto CNG)



colocado tanto nas parcelas de algodão quanto na caatinga do alto dos tabuleiros.

A noroeste, a passagem para o sertão indentifica-se muito com áreas de transição anteriormente analisadas e o algodão constitui o produto principal, aliado a uma particular incidência da atividade criatória extensiva. Êsses mesmos traços vão caracterizar a passagem para o sertão a oeste da chapada de São José.

A REGIÃO AGRÁRIA DO CARIRI E SUA VIDA URBANA

Graças às condições excepcionais do quadro físico desenvolveu-se, como foi visto no decorrer dêste estudo, importante área agrícola no extremo sul do estado do Ceará. Não obstante seu povoamento inicial (século XVIII) ter sido feito à base da criação de gado, esta atividade foi, desde logo, substituída pelas lavouras que se estenderam por toda a região onde a maior umidade e a fertilidade dos solos assim o permitiam. A dificuldade de comunicações com os maiores centros consumidores, devido às grandes distâncias, contribuiu para que esta região vivesse, durante longo período, voltada para si mesma, sem nenhuma vida de relações com o restante do país, a não ser com o sertão vizinho. No entanto, o desenvolvimento agrícola da área possibilitou o aparecimento de vias de comunicações que a articulassem com outras regiões, assim como de seu comércio surgiu uma rede urbana comandada por Crato, com o qual mais tarde veio competir Juazeiro do Norte, que teve origem diversa. Em decorrência da expansão comercial dêstes dois centros estendeu-se o raio de ação dos mesmos, estando hoje em dia a êles vinculadas áreas que ultrapassam, de muito, os limites da área agrícola até aqui considerada.

Neste capítulo, procuraremos primeiramente delimitar a região agrária do Cariri, cuja umidade para nós é decorrente das características de seu quadro agrário. Posteriormente analisaremos o desenvolvimento dos dois centros urbanos que, comandando uma mesma região, ampliaram suas respectivas áreas de influência e hoje constituem dos mais importantes focos da vida regional do Ceará.

Tentativa de delimitação da região agrária do Cariri

Pelo exposto nos capítulos precedentes, verifica-se que o quadro agrário da área em estudo está, em grande parte condicionado aos fatores morfológicos e climáticos, estando essa vinculação evidenciada em diferentes traços da paisagem rural. O tópo da chapada, o pé-de-serra e os brejos, com suas características peculiares, retratam uma fisionomia onde os elementos da estrutura agrária aparecem, de modo geral, como que dispostos segundo um plano esquematizado.

Com base nesta disposição do quadro agrário, pode-se chegar a uma delimitação verdadeira da região agrária do Cariri que não coincide com a zona fisiográfica do Cariri criada para fins estatísticos (Divisão Re-

gional do IBGE) nem, tampouco, com o Cariri tradicional, segundo a conceituação dominante na população regional. A zona fisiográfica utilizada pelo IBGE para fins estatísticos, inclui as terras abrangidas pelos municípios de Abaíra, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririaçu, Crato, Juazeiro do Norte, Jardim, Jati, Granjeiro, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Penaforte e Porteiras, cujo critério de criação deve ter sido baseado numa organização do espaço rural diferente daquela do sertão caracterizado pela população rarefeita, grandes estabelecimentos, pecuária extensiva, cultura de algodão arbóreo e outros aspectos. Quanto à região que é considerada como Cariri pelos habitantes locais, coincide aproximadamente com a primeira. Segundo a conceituação popular existem dentro do Cariri quatro áreas: a *serra*, o *pé-de-serra*, os *brejos* e o *sertão*. Essa designação de sertão do Cariri estende-se às áreas por nós consideradas no decorrer deste estudo, como pertencentes à *faixa de transição*, pois nelas já aparecem características sertanejas que contrastam com as das áreas de pé-de-serra e brejo.

A região agrária do Cariri, a nosso ver, abrange somente as áreas onde os elementos da estrutura agrária formam um contexto em que o pé-de-serra se salienta com culturas irrigadas com água de nascente e lavouras consorciadas de sequeiro e os brejos com suas várzeas ocupadas pela cana e arroz e suas baixas encostas, com cereais.

Tomando em consideração, primeiramente, o limite setentrional, reconhecemos que já não é Cariri, quando a cana e o arroz ladeados pela faixa de cultivo contínuo de consórcio milho-feijão, ou milho-feijão-algodão não mais predominam ao longo dos vales dos rios e riachos que drenam a área devido à diminuição da umidade. O limite norte do Cariri é dado, pois, pela área que antecede a serra de São Pedro, justamente onde surge uma cultura de cereais consorciados ou não ao algodão, realizada pelo sistema de rotação de terras e que se localiza frequentemente no fundo dos vales.

Para leste, tem-se incluído, comumente, como fazendo parte da região, as áreas de Barro, Milagres, Mauriti e Brejo Santo. No entanto, tomando-se como referência o critério acima adotado, estas áreas não devem ser consideradas como pertencentes ao Cariri, uma vez que apresentam uma paisagem rural que possui características cada vez mais acentuadas de sertão propriamente dito. Tais características refletem-se no papel do algodão dominando as encostas dos tabuleiros e da Chapada do Araripe enquanto os baixos são cultivados com arroz, milho e feijão. Além disso, a inexistência de um pé-de-serra nítido nessa vertente oriental da Chapada do Araripe, cujas encostas estão bastante mascaradas pela erosão, dá origem a uma paisagem bastante diversa daquelas onde o pé-de-serra é marcante sendo, aí, o algodão o produto dominante, exceção feita a Jardim e Porteiras.

No flanco ocidental o limite da região agrária do Cariri pode ser dado, *grosso modo* pela área que antecede a chapada de São José e serra do Quincuncá, uma vez que para oeste as condições naturais e o aproveitamento da terra, representado por uma ocupação sertaneja, são

suficientemente diversos para se poder excluir esta área da que queremos aqui delimitar. Por outro lado, muito embora, o pé-de-serra de Santana do Cariri, não seja típico, a simples presença na área, de um brejo de canaviais, justifica a inclusão da mesma no Cariri.

Ao sul o limite do Cariri pode ser dado pela cornija da Chapada do Araripe, uma vez que os traços da paisagem do topo da serra não correspondem ao critério adotado para a conceituação do Cariri agrícola. Deve-se, no entanto, salientar que a inclusão da serra no presente estudo advém do fato de ser a Chapada do Araripe o elemento condicionador de toda fertilidade da região do Cariri, e de sua íntima relação com a vida rural das áreas de pé-de-serra e brejo, através da transumância anual do gado.

Pode-se, dêsse modo, englobar como região agrária do Cariri (Fig. 13) as áreas correspondentes aos municípios de Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Barbalha, Santana do Cariri, Jardim e Porteiras, onde os elementos da estrutura agrária, homogêneos em pelo menos uma de suas unidades topográficas, lhes asseguram uma paisagem agrária que justifica a terminologia comparativa — “ilha agrícola do sertão nordes-

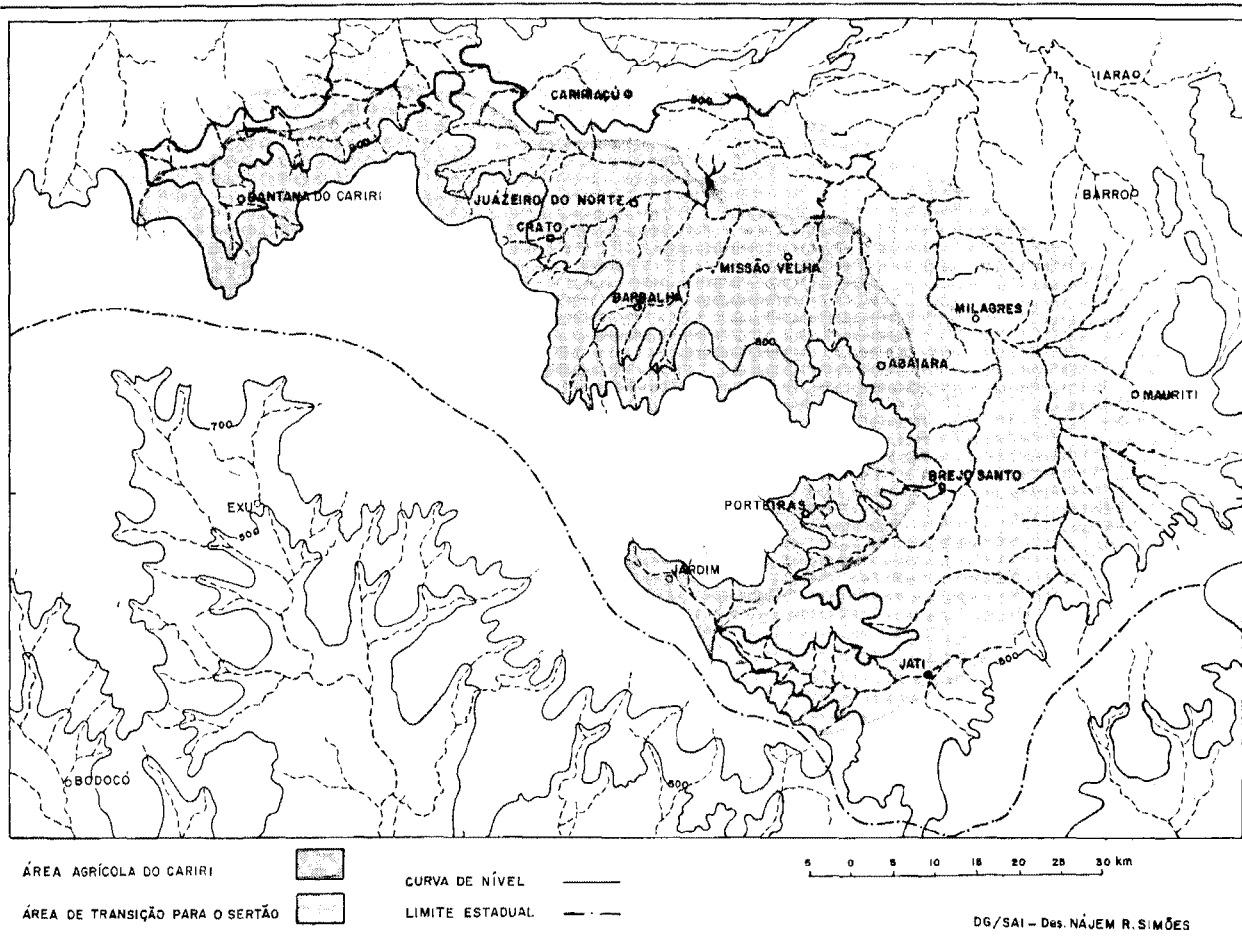


Fig. 13

tino". Em tôrno desta unidade agrária, que manteve uma economia estável baseada, principalmente, na cana-de-açúcar, durante sua evolução histórica, organizou-se a ocupação das áreas limítrofes do sertão e da serra, áreas estas que se tornaram estreitamente a ela vinculadas, não só no que tange ao abastecimento como em relação à transumância do gado. Assim sendo, a região agrária do Cariri juntamente com a serra e o sertão próximo formam o conhecido Cariri tradicional, considerado bem característico e admitido como uma unidade regional dentro do sertão nordestino.

A vida urbana

O grande desenvolvimento econômico desta região que estêve, em sua evolução, sempre ligado à vida rural permitiu a concentração, na mesma, de numerosos núcleos urbanos tais como Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Jardim Porteiras e Santana do Cariri. Pouco distantes uns dos outros, êstes núcleos alinham-se, *grosso modo*, nas proximidades da base da Chapada do Araripe, retratando a forte influência daquele remanescente sedimentar, traço marcante, condicionador de tôda vida regional, através da linha de nascentes anteriormente referida. Por outro lado, a própria localização dos núcleos urbanos, todos êles em brejos canavieiros, evidencia a forte vinculação entre crescimento urbano e atividade agrícola exceção feita a Juazeiro do Norte, cuja origem está prêsa a fatôres de ordem religiosa como veremos a seguir. Porém, deve-se atender que nem todos os centros acima mencionados tiveram o mesmo índice de desenvolvimento. Em sua maioria, não passam de pequenas cidades, meros centros locais, cuja função administrativa e comercial não lhes assegura uma população superior a 7 000 habitantes.

Ao lado dos diversos aglomerados que assumiram caráter urbano contrapõe-se a insignificância, ou mesmo, a ausência quase total de povoados e vilas. Os que existem são pequenos centros elementares que vivem exclusivamente em função da população rural dispersa na área circunvizinha. Têm fisionomia extremamente simples não passando alguns, como Dom Quintino (distrito do Crato), de uma única rua e outros, como Santa Fé (também distrito do Crato) de uma praça retangular. Outros, enfim, como Missão Nova e Abaiara, existem apenas nominalmente sem que se tenha sequer esboçado o aglomerado. Há, ainda, o caso especial do Lameiro e de Muriti que, dada a grande proximidade do Crato, não desempenham nenhuma função urbana.

Dentro da grande densidade de pequenos núcleos urbanos que caracteriza essa área relativamente pequena do sul do Ceará, dois são os centros que por sua população e pela importância maior de suas funções de relação se salientam no comando da região: Crato e Juazeiro do Norte (Figs. 14 e 15).

Crato é um dos aglomerados mais antigos do Cariri, pois, apenas Missão Velha lhe é anterior. Surgiu, em meados do século XVIII, quando as comunicações por terra entre o sertão do Jaguaribe e a província da

Bahia, através do caminho que seguia o vale do Salgado, tornaram-se mais freqüentes, contribuindo para a fixação de portugueses junto aos índios Cariri que viviam na região. A fixação daqueles elementos na



Fig. 14 — Vista da cidade do Crato, principal centro da vida urbana do Cariri, que firmou sua posição de importante foco da vida regional no setor comercial. A cidade continua em plena expansão, novos bairros e modernas residências surgem a cada instante consolidando seu desenvolvimento. (Foto CNG)



Fig. 15 — A cidade de Juazeiro do Norte, da qual uma de suas artérias principais é vista em foco, é o segundo centro urbano do estado do Ceará, quanto à população. Essa cidade rivaliza com Crato no Comando da vida urbana do Cariri. (Foto CNG)

região não resultou, no entanto, da importância dessas comunicações e sim da atração exercida pelas condições físicas favoráveis da região.

O núcleo urbano do Crato surgiria, pois, como foco da região agrícola do Cariri e se desenvolveria em torno de uma capela que ficou durante muito tempo dependente da freguesia de Icó. Centro da vida agrícola de uma área de posição remota em relação aos grandes centros de consumo, cuja produção apenas encontrava mercado na região sertaneja escassamente povoada, o aglomerado do Crato pouco cresceu, embora fôsse elevada a vila em 1764. Comprova-o a descrição que dêle nos deixou GEORGE GARDNER em seu relato de viagem pela província do Ceará, em 1838: "A vila de Crato é uma cidade pequena e assaz pobre, tendo cêrca de um têrço do tamanho de Icó. É muito irregularmente edificada e as casas, com uma única exceção têm apenas um pavimento".

Embora não se achasse como Icó no comando de importantes vias de comunicação, a cidade do Crato, com o adensamento da ocupação do sertão, foi ampliando, progressivamente, sua função de relações baseada, a princípio, quase com exclusividade, na comercialização dos produtos de sua região, dois gêneros essenciais à sobrevivência da população sertaneja: a rapadura e a farinha. A projeção dêsse centro que concentrava as atividades comerciais de uma das grandes "ilhas agrícolas" do sertão cearense cresceu, pois, à medida que progredia a ocupação da própria região e multiplicavam-se as fazendas de gado nos sertões vizinhos. Novos caminhos se foram abrindo e, além da antiga ligação com o sertão do Salgado e o vale do Jaguaribe, outra via de circulação adquiriu importância a partir do final do século XVIII, comunicando o Crato, a leste, com Piancó e o baixo sertão da Paraíba e, a oeste, com Picos e Oeiras, no Piauí³.

Principal centro de comercialização da produção de apreciável área agrícola, densamente ocupada, Crato tornou-se, também, o foco de distribuição de produtos importados para a mesma região e para as áreas sertanejas que a circundam, às quais, já fornecia, de longa data, rapadura e farinha. Aliás, a expansão da produção algodoeira nesses sertões seria outro fator de vitalidade para os centros urbanos que os serviam, o que também deve ter favorecido o Crato, que, desde 1854, fôra elevado à categoria de cidade. Foi, pois, acelerado, na segunda metade do século, o crescimento do aglomerado que, no dizer de IRINEU PINHEIRO, ultrapassou nesse período os dois tradicionais centros do vale do Jaguaribe, Icó e Aracati.

Enquanto no final do século XIX a cidade do Crato já dominava a vida regional do Cariri, a pequena distância da mesma, apenas 12 quilômetros, surgiria em torno da figura do padre CÍCERO, um outro aglomerado, que daria origem à cidade de Juazeiro do Norte. Não obstante, a capela, marco inicial de Juazeiro do Norte, datar de 1827, sòmente no final do século, a fama do padre CÍCERO ROMÃO BATISTA, advinda de seu prestígio de milagroso, atrairia para o local numerosos nordestinos, o que iria provocar o crescimento do aglomerado incipiente que, até então, se vinha formando em torno da capela, e que foi, pouco a pouco, adqui-

³ Por êste último caminho seguiu GARDNER em sua viagem já referida, quando deixou a zona do Crato.

rindo fisionomia urbana. Juazeiro do Norte foi elevado à categoria de cidade em 1914, quando sua população já ultrapassava a dos demais núcleos urbanos da região. Esta sua população se compunha então, em sua maioria, de adventícios. Até hoje, romeiros de vários pontos do país, principalmente dos sertões limítrofes (Paraíba, Pernambuco, Piauí e mesmo Goiás, Mato Grosso) dirigem-se anualmente a Juazeiro do Norte, atraídos por sua devoção ao padre Cícero.

A presença desse centro de romarias a tão pequena distância do Crato explica o fato anômalo da existência de duas cidades importantes tão próximas uma da outra. Na realidade, o que vemos são dois aglomerados distintos enfeixando, conjuntamente, as funções de comando da vida regional.

A grande vitalidade destes dois centros urbanos é refletida no próprio movimento de suas ruas e na atividade de sua população. Sendo o Crato uma cidade antiga, que cresceu, paulatinamente, em bases relativamente sólidas apresenta, em sua fisionomia, traços de maior estabilidade. Suas ruas bem traçadas e calçadas, assim como suas praças ajardinadas (Fig. 16) e suas casas mais imponentes contrastam com Juazeiro do Norte, que exhibe maior pobreza e menor organização e se espalha em área muito mais considerável. Em Juazeiro do Norte só no centro é que melhoram as construções, e apenas duas ou três ruas têm aparência mais próspera, com habitações confortáveis e casas comerciais bem aparelhadas. Já no Crato, além de o centro ser maior e possuidor de um comércio bem equipado, mais numeroso e mais variado, dia a dia, amplia-se e embeleza-se progressivamente a área urbana com a criação de novos bairros e modernas residências (Fig. 17).

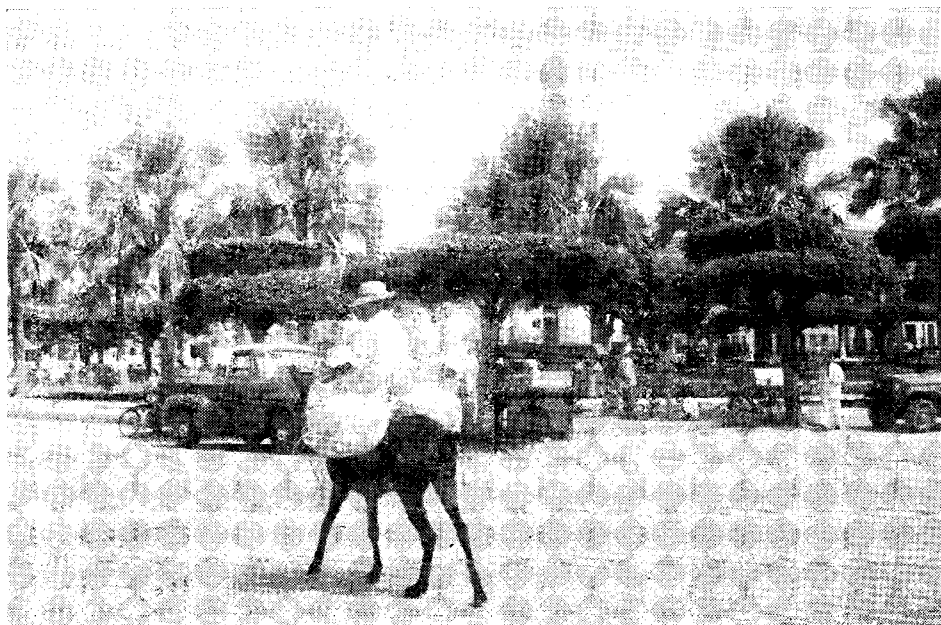


Fig. 16 — A fisionomia da cidade de Crato retrata a grande vitalidade deste importante centro urbano do sul do estado do Ceará. Suas praças arborizadas demonstram o grau de preocupação dos cratenses em relação ao embelezamento do espaço urbano. (Foto CNG)



Fig. 17 — Aspecto de uma das ruas principais do centro da cidade do Crato, onde se observam construções novas, que já demonstram um crescimento vertical, não obstante incipiente, deste centro urbano em expansão. (Foto CNG)

A projeção regional do Crato e Juazeiro do Norte está baseada, primordialmente na prestação de seus serviços, em especial no setor comercial. O comércio variado dos dois centros é atestado não somente pelo grande número de lojas especializadas — é no Crato que o ramo atacadista mais se distingue — como também pela grande importância de suas feiras semanais, retrato vivo desta preponderância (Fig. 18). Indivíduos provenientes de pontos os mais diversos reúnem-se em suas principais ruas para comercializarem seus produtos. As feiras do Crato, que segundo IRINEU PINHEIRO, só são superadas pelas de Campina Grande e Caruaru, são freqüentadas por sertanejos do Ceará, Piauí, Paraíba e de Pernambuco.

O primeiro fato que torna Juazeiro do Norte um caso excepcional dentro do quadro urbano nordestino é seu rápido e recente crescimento. Juazeiro do Norte é, do ponto de vista quantitativo, a segunda cidade do estado do Ceará, tendo atingido sua população, em 1960, a ordem de 53 421 hab., superior à do Crato que verificou naquela data 23 490 habitantes. A intensidade de seu crescimento deve-se à tradicional devoção ao padre Cícero, que ainda hoje atrai grande número de imigrantes que aí se fixam. O ritmo de crescimento da população não se tem, no entanto, mantido estável; para tal, basta comparar seu índice de crescimento entre 1940-50 e 1950-60. Entre 1940-50, Juazeiro do Norte apresentou um índice superior ao da década seguinte: enquanto no primeiro período o aumento foi de 78,8%, no segundo foi de somente

27,2%. Isto se deve ao fato de Juazeiro do Norte estar, ainda, entre 1940-50 sob a forte influência das romarias, atraindo para si maior população do que o Crato (que neste período acusou um índice de 37,7%), atração essa facilitada pela ampliação da rede rodoviária construída por iniciativa da IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas), como veremos a seguir. Já na fase seguinte o crescimento mais moderado da população de Juazeiro do Norte pode significar que a cidade atingiu tal grau de desenvolvimento que não suporta mais um crescimento acelerado.



Fig. 18 — *Feirantes de diferentes regiões reúnem-se, semanalmente, em Juazeiro do Norte para comercializarem seus produtos. As feiras realizadas nesta cidade, atestam sua importância comercial dentro da região do Cariri.* (Foto CNG)

A natureza da população de Juazeiro do Norte, constituída, em grande parte, de adventícios deu origem a uma função comercial baseada no ramo varejista, incentivada pelas romarias feitas, anualmente, em memória ao padre Cícero. Esse domínio do comércio varejista de miudezas, não especializado, é atestado pelo grande número de pequenas lojas do gênero disseminadas pelas ruas da cidade. A variedade do ramo varejista contrapõe-se a pequena atividade atacadista, contribuindo para que Juazeiro do Norte como centro importador e redistribuidor de mercadorias exerça restrita influência⁴. Dêsse modo,

⁴ Pelos inquéritos realizados em Juazeiro do Norte vê-se na distribuição de tecidos que sua área de venda dentro do estado do Ceará abrange os municípios de Acaré, Mauriti, Caririagu e o distrito de Quitauas, estendendo-se ao sertão do Piauí fronteiriço ao Ceará e zona do Araripe pernambucano. No que tange à distribuição de calçados o raio de ação da cidade de Juazeiro do Norte acha-se restrito praticamente ao estado do Ceará, só vendendo para fora dêsse estado para Picos (PI), Araripua e Salgueiro (PE).

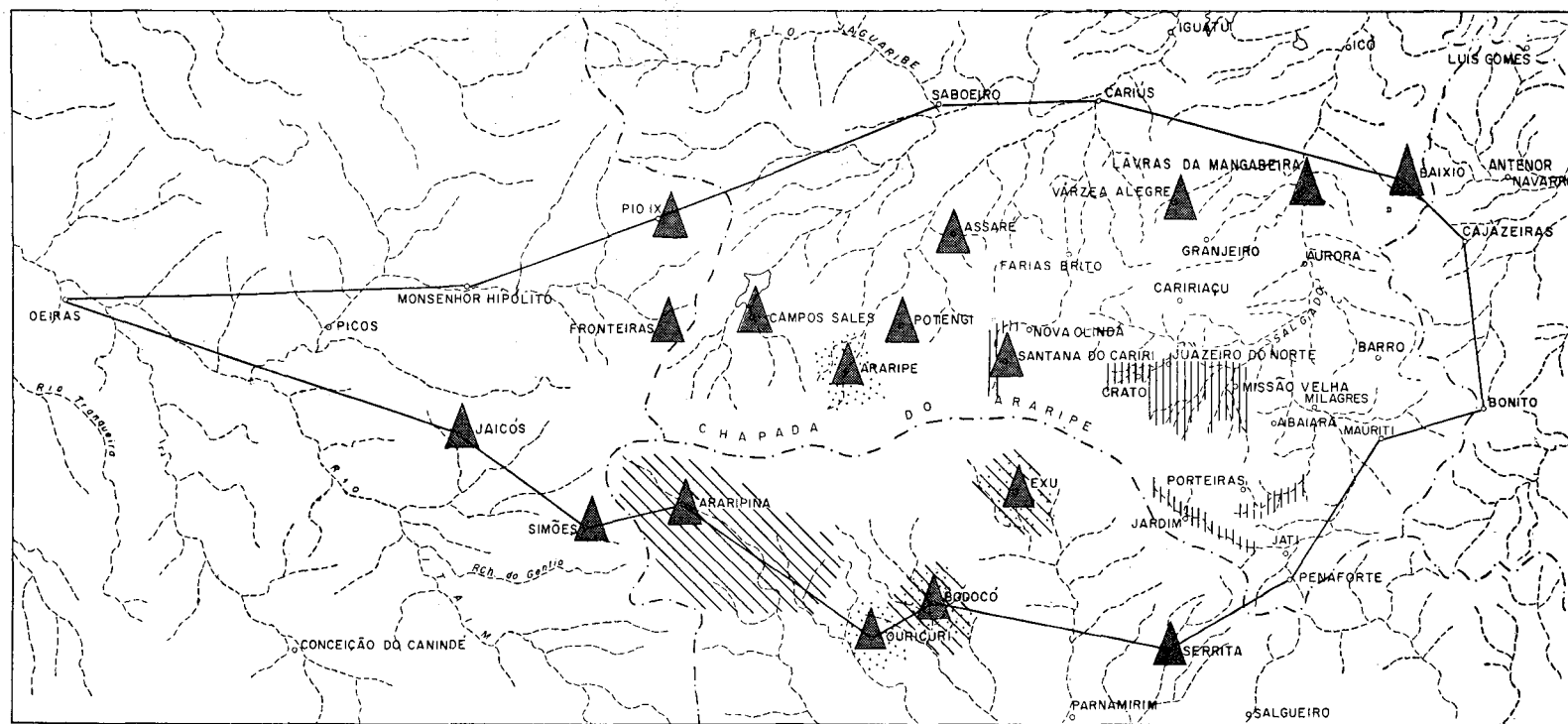
a função regional de Juazeiro do Norte acha-se bastante limitada em relação à sua população total, tendo por isso maior importância como centro local. Por outro lado, a existência de usinas de beneficiamento de algodão nesse núcleo urbano, faz com que para aí se dirija parte da produção algodoeira não só do Cariri como também de outros municípios do sul do estado e zona do Araripe pernambucana. Além do beneficiamento do algodão existe também, em Juazeiro do Norte, uma indústria artesanal bastante expressiva: armas de fogo, facas, calçados e artefatos de couro. O artesanato de artigos de ouro que é muito difundido em Juazeiro do Norte, dada a presença de romeiros na cidade, tende a desaparecer não só pela má qualidade do produto, como também pela penetração de bijouterias trazidas de São Paulo.

Centro tradicional no comando da região do Cariri, a cidade do Crato continua em plena expansão, expansão esta consolidada pela função de centro comercial, aliada a novas atividades industriais que lhe confirmam sua função regional.

Como centro comercial, o Crato funciona como redistribuidor de mercadorias para uma área que ultrapassa a região do Cariri propriamente dita. Na distribuição dos produtos regionais por excelência, isto é, da rapadura produzida em todo o Cariri e de farinha procedente de Araripina, Exu e Bodocó (PE), suas vendas estão voltadas sobretudo para os quadrantes norte e oeste, atingindo, no Ceará, alguns municípios da região central do estado (Acopiara, Iguatu, Senador Pompeu, Quixeramobim e Quixadá) e do vale do Jaguaribe (Jaguaribe, Limoeiro do Norte e Ruças). Essas vendas estendem-se, outrossim, aos estados vizinhos da Paraíba e Rio Grande do Norte; no primeiro a região abastecida corresponde ao baixo sertão de Cajazeiras e no outro os vales do Moçoró e do Açu. Quanto à redistribuição de artigos importados de outras regiões como produtos farmacêuticos, tecidos, bebidas, açúcar refinado, calçados, etc. as vendas se destinam à própria região do Cariri, zona do Araripe pernambucano e sertão do Piauí em sua área fronteira ao estado do Ceará, sendo que no que tange aos calçados a influência do Crato abrange o baixo sertão de Cajazeiras. A venda de artigos especializados como máquinas e implementos agrícolas distribuídos pelo revendedor Mesbla, ligado à filial de Recife, atende a uma área que, para leste e sudeste, compreende a quase totalidade dos municípios situados ao sul do Açu de Orós, restrita ao estado do Ceará; estendendo-se, ainda, às áreas de Pernambuco e Piauí, anteriormente citadas.

Em consequência da sua importância comercial que lhe conferiu a posição de importante foco da vida regional, Crato tornou-se um centro cultural e educacional de relêvo. Neste setor esta cidade ocupa papel muito mais importante do que Juazeiro do Norte. A diocese do Crato exerce uma atuação destacada, procurando elevar o nível do ensino, colaborando ativamente com o município e com o governo estadual para ampliação da Universidade do Cariri, cujas Faculdades foram fundadas por sua iniciativa. No setor educacional, assim como no de saúde, a

INFLUÊNCIA REGIONAL DO CRATO



COMÉRCIO DISTRIBUIDOR:

ÁREA DE AÇÃO DE FIRMAS ATACADISTAS E VAREJISTAS QUE DISTRIBUEM PRODUTOS FARMACÊUTICOS
BEBIDAS, AÇÚCAR REFINADO, TÊCIDOS, CALÇADOS, MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

COMÉRCIO COLETOR:



ÁREA DE PROCEDÊNCIA DO ALGODÃO



ÁREA DE PROCEDÊNCIA DA RAPADURA



ÁREA DE PROCEDÊNCIA DA FARINHA



ÁREA DE PROCEDÊNCIA DA MAMONA

ESCALA
10 0 10 20 30 40 50 60 km

Fig. 19

influência de Crato recobre uma área que compreende todo o sul do Ceará, zona do Araripe pernambucano e sertão do Piauí.

Pelo exposto verifica-se que a influência exercida pela cidade do Crato abrange, de modo geral, o sul do estado do Ceará, abaixo do paralelo de Saboeiro e Cariús, a zona do Araripe pernambucano, o sertão do Piauí até Oeiras e o sertão da Paraíba até Cajazeiras (Fig. 19). Deve-se, no entanto, ressaltar que os municípios cearenses situados a leste do Crato, ao longo da Transnordestina, só aparecem, praticamente, na distribuição de implementos agrícolas e nos setores cultural e de saúde, donde se conclui que a presença da rodovia faz com que grande parte de seu comércio seja feito, diretamente, com as fontes de produção ou a capital do estado.

Além de centro redistribuidor de mercadorias, o Crato tem sua função regional reforçada pelo fato de para ele convergir grande parte da produção regional (Fig. 19). Não só a rapadura e a farinha que, como foi visto, são drenadas para o Crato. Também o algodão para aí converge, devido à presença na cidade de usinas de beneficiamento do produto. O algodão beneficiado no Crato provém da própria região do Cariri e de outros municípios do sul do estado, tais como Lavras de Mangabeira, Baixio, Várzea Alegre, Açaré e Campos Sales, assim como da zona do Araripe pernambucano e também do Maranhão (municípios de São Domingos, Pedreiras, Barão de Grajaú, Barra do Corda e Timon). No entanto, Crato está perdendo um pouco de sua influência no estado do Maranhão, como também no Piauí, em virtude de a rodovia federal BR-24 tangenciar o Cariri e passar a escoar os produtos desses dois estados, por Iguatu.

A concentração dos produtos regionais na cidade do Crato fez com que, nela, se desenvolvesse uma atividade industrial de caráter regional. Além das usinas de beneficiamento de algodão existem, também, usinas de beneficiamento de arroz e fábricas de sabão e óleos vegetais. Com a recente introdução da energia de Paulo Afonso no Cariri, esperam os habitantes não só do Crato, como também de Juazeiro do Norte, um maior desenvolvimento da atividade industrial que tem por base o beneficiamento da produção agrícola.

Comparando-se o Crato e Juazeiro do Norte do ponto de vista de suas funções percebe-se que, de modo geral, as duas cidades se completam no que diz respeito à sua atuação dentro da região: enquanto uma se projeta regionalmente influenciando sobre uma área ampla a ela articulada por modernas vias de comunicações, a outra possui função mais local, salientando-se, em especial, seu comércio varejista por ser um centro mais populoso, vitalizado pelas romarias ao padre CÍCERO.

Ambas as cidades do Crato e Juazeiro do Norte foram beneficiadas pela ampliação da rede de transporte. Estes até 1926 eram bastante primitivos, pois, somente em 1926 os trilhos da Estrada de Ferro Baturité, passando por Juazeiro do Norte, alcançaram o Crato, que ainda hoje permanece como ponta de trilhos. Tal fato aliás, acentuou a importância desta cidade que pôde expandir sua influência, capturando a

produção da área sertaneja circunvizinha. A ligação ferroviária Crato-Fortaleza favoreceu não só a exportação da produção regional, especialmente o algodão, como também permitiu mais fácil abastecimento do comércio local.

A partir da década de 1940, as funções urbanas do Crato e Juazeiro do Norte cresceram em ritmo muito mais acelerado, impulsionadas pela expansão progressiva dos transportes rodoviários. Quando em 1942, foi introduzido o transporte rodoviário, o comércio que, até então, era feito com Fortaleza pela ferrovia, foi desviado no sentido de Campina Grande e, secundariamente, de Recife. A abertura da rodovia para Fortaleza em 1947 não desviou esse intercâmbio com Recife e Campina, reforçado, aliás, alguns anos depois, com a construção das rodovias Central da Paraíba e Central de Pernambuco.

Gradualmente, têm aumentado as relações diretas com Recife que superam as de Campina Grande no abastecimento do Crato e de Juazeiro do Norte. Por outro lado, aos poucos ampliaram-se, também, as ligações diretas com as praças do Sudeste e Sul do país, intensificadas em decorrência da construção da Rio-Bahia, que entroncando-se em Feira de Santana, com a Transnordestina estabelece conexão rodoviária direta entre o Nordeste e o Sul do país.

Atualmente, em sua maior parte, as mercadorias vendidas no Crato e em Juazeiro do Norte são provenientes do Sudeste do Brasil, de Recife e em menor escala, de Fortaleza e Campina Grande. As relações mantidas entre o Cariri e o Sudeste do país decorrem da expansão da circulação rodoviária, da industrialização desta área, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo. Assim sendo, torna-se mais vantajoso aos negociantes do Crato e Juazeiro do Norte comprarem diretamente nas fontes de produção do que nos revendedores de Fortaleza, Recife e Campina Grande. A mudança de mercado foi feita gradualmente porque só as maiores firmas, aquelas que têm grandes capitais, podem comprar por atacado no produtor. É grande o número dos comerciantes que hoje se limitam a comprar em Recife somente no caso de uma falta inesperada ou de uma alta de preços na fonte de produção, pois neste caso, muitas vezes, os revendedores desta cidade podem vender mais barato o produto estocado. No caso de haver em Fortaleza e em Recife agência, representante ou filial de u'a mesma firma, há quase sempre preferência pela compra em Fortaleza uma vez que o preço é o mesmo, não obstante as relações entre o Cariri e a capital do estado serem mais intensas do ponto de vista cultural e administrativo. Já o comércio com Campina Grande é mantido, apenas, pelo pequeno negociante que não possui capital para dirigir-se diretamente ao produtor.

Assim é que, em decorrência do progresso das comunicações rodoviárias, houve modificação nas relações comerciais entre o Cariri e suas fontes de abastecimento. Por outro lado, este mesmo progresso rodoviário veio reforçar a supremacia mantida pelo Crato e Juazeiro do Norte, centros da vida urbana do sul do Ceará, cujo desenvolvimento foi condicionado pela prosperidade das atividades agrárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região do Cariri contrasta sobremodo dentro do espaço sertanejo, pois exhibe, de um lado, uma paisagem que revela vida agrícola intensa, onde a presença incessante do homem no campo é traduzida pela população rural numerosa, e de outro uma rede urbana organizada, polarizada pelo Crato e Juazeiro do Norte. Mas, a quem tem oportunidade de conhecer esta região não escapa a rotina de sua economia rural, determinada, especialmente, pela estrutura agrária tradicional que persiste até nossos dias. Dêste modo, em seu conjunto, à região do Cariri se depara um complexo de problemas interdependentes, não só de ordem técnica, como econômico-social.

Um dos problemas fundamentais é o regime de exploração e o da estrutura fundiária. O primeiro está ainda, atualmente apoiado em relações de trabalho que lembram instituições medievais, baseando-se, como foi visto, no serviço prestado pelos moradores de sujeição, que são mantidos nas propriedades para garantia da mão-de-obra, no período da safra. Vivem êsses moradores de sujeição com um baixo nível de vida que em nada os diferencia dos trabalhadores do sertão propriamente dito. Muito embora não se possa distinguir um escalonamento social acentuado, a classe dos proprietários, em geral, mais bem dotada economicamente e com maiores possibilidades de vida, apresenta um padrão de vida bem mais elevado possuindo mesmo, os mais tradicionais, o ar senhorial que caracteriza os senhores de engenho. Quanto ao problema da estrutura fundiária, está o mesmo relacionado com a grande fragmentação das propriedades rurais, com repercussões na carência de terrenos para a lavoura, tendo algumas propriedades tamanho insuficiente para o sustento de uma família.

Esta exigüidade de terras cultiváveis fez com que se implantasse desde cedo, nas áreas mais férteis da região, um sistema agrícola que está baseado na utilização contínua do solo, próximo do qual aparece uma rotação de terras nos tabuleiros mais secos.

Os processos de trabalho agrícola sempre rotineiros e primitivos, caracterizados pela ausência de práticas que visem à preservação e à maior produtividade dos solos, são outros problemas enfrentados no Cariri. Pois, o intenso e continuado uso da terra, sem cuidados especiais para com a lavoura conduz a uma diminuição da rentabilidade da produção, como vem sucedendo, em especial, com a cana-de-açúcar, ocasionando, em alguns casos, uma necessidade de aumento da área cultivada. A resistência que vem sendo oferecida à introdução de novas modalidades de utilização dos solos advém do atraso cultural de que são portadores os lavradores não só nesta área, como em outras regiões do país. Muito embora já se pratique uma incipiente alternância entre a cana e o arroz, em pequenos trechos das parcelas em cultivo, esta medida ainda não está generalizada, o mesmo se podendo dizer do emprêgo da adubação. Além disso, é preciso não esquecer do fato de que no pé-de-serra não se fazem as culturas segundo curvas de nível, o que intensi-

fica a ação erosiva nas encostas, cujo solo é, no período das chuvas, facilmente carregado. Outro fato significativo é a permanência da enxada como principal instrumento de trabalho em toda a região do Cariri, sem que se tenha manifestado qualquer iniciativa de introdução de outros implementos essenciais ao homem em suas tarefas do campo.

No que tange ao problema de mercado da rapadura, não fôsse o fator tradição e o baixo padrão de vida da população sertaneja, ela teria seu consumo de muito diminuído uma vez que é crescente, hoje em dia, a penetração do açúcar refinado proveniente de Recife. A própria instalação de uma usina açucareira não resolveria o problema regional, uma vez que, de sua criação, resultaria, certamente, uma concentração fundiária aliada a uma mudança no regime de exploração da terra com a introdução provável, do sistema de assalariados. Haveria também uma expansão da área cultivada com a cana através de técnicas apropriadas, em detrimento das áreas de culturas alimentares.

Outro problema ao qual não se pode deixar de fazer nova referência é o da água, aquele que mais aflige os lavradores locais. Aliás, o Serviço Florestal criado no município de Crato já é uma primeira medida visando à preservação das nascentes.

Todos esses problemas, por mais complexos que sejam, poderão encontrar soluções, uma vez que, as condições naturais da região favorecem o aproveitamento agrícola, desde que corrigidos os defeitos dos sistemas agrícolas, do regime de exploração e da estrutura fundiária vigentes, não se podendo esquecer, no entanto, que uma mudança da estrutura agrária implica em transformações sociais e econômicas profundas.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Joaquim

- 1952 — "O vale do Cariri — seu povoamento e desenvolvimento econômico". *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia* — Vol. III. Rio de Janeiro, IBGE — CNG — 390-422 p.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S/A

- 1961 — *Aspectos Gerais da Economia Caririense*. Departamento de Estudos Econômicos. ETENE. Fortaleza — 43 p.
1961 — *Observações preliminares sobre a hidrogeologia da chapada do Araripe e do vale do rio Carás*. Departamento de Estudos Econômicos. ETENE. Fortaleza — 39 p.

BEZERRA DOS SANTOS, Lindalvo

- 1952 — "Reconhecimento geográfico de parte do sertão nordestino". *Estudo da Zona de Influência da Cachoeira de Paulo Afonso*. Rio de Janeiro. IBGE — CNG — 1-106 p.

FIGUEIREDO FILHO, José e PINHEIRO, Irineu

- 1955 — *Cidade do Crato*. Ministério de Educação e Cultura, Serviço de Documentação. Rio de Janeiro. 126 p.

FIGUEIREDO FILHO, José

- 1958 — *Engenhos de Rapadura do Cariri*. Documentário da vida rural n.º 13. Serviço de Informação Agrícola. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro. Brasil.

GARDNER, George

- 1912 — "Um botânico inglês no Ceará de 1838 a 1839". *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*, XXVI; 143-205 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

- 1959 — *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. XVI, Municípios do Estado do Ceará. Rio de Janeiro, 563 p.
1960 — *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. V — Grande Região Nordeste — O Sertão. Rio de Janeiro. 625 p.

LOURENÇO FILHO, M. Bergston

- s/d — *Juazeiro do Padre Cícero*. Ed. Melhoramentos. São Paulo. 217 p.

MARTINS FILHO, Antônio

- 1939 — *O Cariri* — O Ceará. Ed. Fortaleza. Ceará. 240-246 p.

MENESES, Bruno de

- 1954 — *O Cariri e o Crato em particular*. Felix Gráfico. Rio de Janeiro.

PETRONE, Pasquale

- 1955 — "Contribuição ao estudo da região do Cariri, no Ceará". *Boletim Paulista de Geografia*, 19: 3-29.
1955 — "Crato — capital da região do Cariri". *Boletim Paulista de Geografia*, 20: 31-65.

PINHEIRO, Irineu

- 1950 — *O Cariri — seu desenvolvimento, povoamento e costumes*. Fortaleza. 288 p.

PINHEIRO, Raimundo Teles

- 1959 — *Esbôço histórico do Crato*. Imprensa Universitária do Ceará. Fortaleza. 69 p.

SUMMARY

In this study an attempt is made to trace the agrarian pattern and town life in the Cariri region on the southern border of the state of Ceará. To begin with, this stretch of country is highlighted as a veritable "agricultural island" in the backlands of the Brazilian Northeast and a sharp contrast is drawn between the landscapes of this region and those surrounding it.

The first chapter is concerned with the natural setting of the region and the way it conditions human settlement. In reality the existence of the Cariri is due to the fact that it is dominated to the south by the Chapada do Araripe, and the rainwater seeping through the sedimentary rocks of this mesa emerges half way down the border slopes in the form of springs giving rise to streams that drain the crystalline plain and water the *brejos* or oases of verdure which are so valuable for agricultural development.

In the Cariri region various topographical units are to be distinguished: the top of the mesa, the foot of the hills corresponding to the lowest slopes of the Araripe, the *brejos* and the crystalline *serras*. Each of these units displays features of its own in the natural setting which condition particular types of land use. Hence the organization of the farmland has evolved along different lines peculiar to each unit and the following chapter deals with an analysis of the various elements that enter into the pattern.

In the third chapter, the layout of the farmland is taken as a basis for the delimitation of the Agrarian Region of Cariri. At the same time attention is drawn to the way in which the agricultural development of the area has led to the appearance of ways of communication linking it to other regions, just as the growth of trade was responsible for the upsurge of an urban network centered on Crato, later to meet with competition from Juazeiro do Norte. The commercial expansion of these two county towns has been so vigorous that their scope now extends to areas lying far beyond the limits of the Agrarian Region of Cariri.

Finally, it will be seen that, despite the development of the Cariri Cearense region, there still remains to be faced a maze of inter-dependent problems both of a technical nature and in the economic and social fields.

RÉSUMÉ

Dans cette étude, l'auteur se propose de décrire le cadre agricole et la vie urbaine de la région du Cariri, contrée frontalière sud de l'Etat du Ceará. Au début, le Cariri est présenté comme une véritable "île agricole" en plein sertão du Nordeste brésilien et les contrastes sont frappants entre les paysages de cette région et ceux des environs.

Le premier chapitre a trait au cadre naturel de la région, considéré du point de vue peuplement humain. En réalité, la richesse agricole du Cariri est née des eaux de pluie qui s'infiltrant dans les roches sédimentaires de la Chapada do Araripe pour ressortir à mi-côte donnant naissance à des sources qui, à leur tour, forment des ruisseaux. Ces ruisseaux drainent la plaine cristalline pour arroser les *brejos* ou oasis de verdure qui ont une si grande valeur pour l'utilisation agricole du sol.

Il y a plusieurs unités topographiques dans le Cariri: le sommet de la chapada, le pied de la serra qui correspond à la côte la plus basse de l'Araripe, les *brejos* et les serras cristallines. Chacune de ces unités a des caractéristiques propres, dans le cadre naturel, qui conditionnent des types particuliers d'occupation humaine. C'est pourquoi l'organisation de l'espace agricole s'est établi d'une façon différente en chacune d'elles et dans le chapitre suivant les divers éléments du cadre agricole de ces unités sont analysés.

Dans le troisième chapitre, se basant sur la configuration du cadre agricole, l'auteur s'occupe de délimiter la Région agraire du Cariri, en montrant comment le développement dans ce domaine a permis de faire naître des voies de communication reliant cette région à d'autres, de même que l'accroissement de son commerce a fait surgir un réseau urbain dirigé sur Crato, bientôt concurrencé par Juazeiro do Norte. L'expansion commerciale de ces deux centres a été si violente que leur rayon d'action s'étend maintenant à des zones bien au-delà des limites de la Région agraire du Cariri.

Finalement on peut voir que malgré le développement de la Région du Cariri céarense, celle-ci se trouve devant une série de problèmes inter-dépendants, non seulement d'ordre technique mais aussi socio-économiques.